



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HARLANNE KRISLEN BELARMINO DANTAS

TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA NA CIDADE DE SOUSA-PB

CAJAZEIRAS-PB
2014

HARLANNE KRISLEN BELARMINO DANTAS

TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA NA CIDADE DE SOUSA-PB

Trabalho apresentado como pré-requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso sob responsabilidade da professora Silvana Vieira de Sousa do Curso de Licenciatura em História do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

CAJAZEIRAS-PB
2014

CAJAZEIRAS-PB



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

D235t Dantas, Harlanne Krislen Belarmino
Traços do ensino de história no colégio Nossa Senhora
Auxiliadora, na cidade de Sousa-PB. / Harlanne Krislen
Belarmino Dantas. Cajazeiras, 2014.
64f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Isamarc Gonçalves Lôbo
Monografia (Graduação) - UFCEG/CFP

1. História-estudo e ensino. 2. Ensino de história-Colégio
Nossa Senhora Auxiliadora- Sousa-PB 3. Políticas públicas.
I. Lôbo, Isamarc Gonçalves. II. Título.

UFCEG/CFP/BS

CDU- 94:37

*Dedico este trabalho a todos que contribuíram
direta ou indiretamente a esta conquista, em especial ao
meu Pai Lildiran Dantas Cavalcante (in memoriam).*

HARLANNE KRISLEN BELARMINO DANTAS

TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA NA CIDADE DE SOUSA-PB

Monografia aprovada em 15/01/14 para obtenção do título de licenciado em História.


Isamarc Gonçalves Lôbo
Professor Orientador

Maria Lucinete Fortunato
Professor(a) Examinador(a)

Rosemere Olímpio de Santana
Professor(a) Examinador(a)

Viviane Gomes de Ceballos
Professor(a) Suplente

Francisco Firmino Sales Neto
Professor Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer

desta jornada, em especial:

A Deus, a quem devo minha vida

e todas as bênçãos alcançadas.

A minha família que sempre me apoiou nos

estudos e nas escolhas tomadas,

em especial, meus avós José Belarmino,

e Raimunda, minha mãe Marília Kellma

e meus irmãos Hiarley e Hiago,

que não me faltaram em momento algum.

Ao orientador Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo

que teve papel fundamental na

elaboração deste trabalho.

E aos meus colegas e acima de tudo amigos

de curso pelo companheirismo e

disponibilidade para me auxiliar em vários momentos,

em especial as componentes do “Quarteto Fantástico”:

Kamilla, Daiany e Ionara, pois sem elas as manhãs na UFCG não seriam as mesmas.

RESUMO

Buscando verificar e perceber transformações no Ensino de História no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, dentro destas, estabelecer análises acerca das políticas públicas educacionais vigentes no final da década de 1990, analisamos autores que discutiram estas propostas como Circe Maria Bittencourt, Thais Nivia Fonseca, Selva Guimarães Fonseca, dentre outros especialistas na temática, bem como analisamos a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), considerando imprescindível a colaboração dos currículos ao trabalho docente no que diz respeito às mutações que o processo de ensino-aprendizagem sofreram no final do século XX. Estas fontes bibliográficas, documentais e os questionários aplicados às professoras da instituição supracitada forneceram indícios para alcançarmos a compreensão das mudanças operacionalizadas no Ensino de História no referido recorte temporal e de que maneira o mesmo se adequou e se apropriou das políticas públicas de educação dentro da instituição e por parte das professoras, respectivamente. Nesse caminho conhecemos os procedimentos metamórficos do processo de ensino-aprendizagem, percebendo o quanto este ganhou significação, preocupando-se com a relação estabelecida pelo aluno, que antes só era um simples receptor-reprodutor, passando a ser um agente ativo neste processo e refletindo sobre o seu papel na sociedade, na qual está inserido e se vendo enquanto um sujeito histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Políticas Públicas da Educação e Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FAIXADA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA- FINAL DA DÉCADA DE 1950

ATUAL FAIXADA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

CADERNETA, 1997, 6ª SÉRIE

GRÁFICO 1

GRÁFICO 2

GRÁFICO 3

CADERNETA, 1997, 8ª SÉRIE

GRÁFICO 4

GRÁFICO 5

GRÁFICO 6

CADERNETA, 1997, 6ª SÉRIE

CADERNETA, 1998, 6ª SÉRIE

Sumário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I:.....	14
O COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA: CIÊNCIAS, FÉ E CIDADANIA.....	14
1.1 Da ideia a instalação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	16
1.2 Caminhos percorridos pelo Ensino de História no Brasil (1950-1990).....	20
CAPÍTULO II.....	27
MÉTODOS E CONTEÚDOS DE ENSINO DE HISTÓRIA: UMA BREVE REFLEXÃO.....	27
2.1 Ensino de História: permanências e mudanças nos métodos e conteúdos da escola primária a escola secundária.....	27
2.2 Métodos e conteúdos no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1997-1999)....	34
CAPÍTULO III.....	43
AVALIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS: O ENSINO DE HISTÓRIA, AS POLÍTICAS PÚBLICAS E O COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA.....	43
3.1 Políticas Públicas Educacionais em debate: Parâmetros Curriculares Nacionais e Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (1996).....	44
3.2 Profissionais de História e o Ensino de História.....	48
3.3 Mudanças e permanências do Ensino de História no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
ANEXOS.....	65

INTRODUÇÃO

Neste estudo temos como objeto de pesquisa o Ensino de História disseminado no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa, sertão da Paraíba, ao longo dos anos de 1997 a 1999, buscando apreender as transformações que ocorreram nas práticas de ensino, e verificando até que ponto tais mudanças se adequaram as Políticas Públicas vigentes na nossa contemporaneidade, partindo de fontes colhidas na própria instituição, como as cadernetas escolares e as entrevistas realizadas.

O tema foi escolhido mediante o interesse despertado durante a graduação ao cursar disciplinas específicas sobre a temática, no qual houve o contato com autores como Maria Circe Bittencourt e Thais Nívia de Fonseca. Nos livros e textos destas autoras encontramos temas como disciplinas escolares. A escolha por estudar o ensino de História na referida escola se fez pelo fato de haver uma facilidade no acesso as fontes que serão analisadas.

Como bem sabemos, o Ensino de História no Brasil passou por várias transformações em suas propostas curriculares, seguindo assim uma tendência mundial. Foi no ano de 1837 com a fundação do Colégio D. Pedro II, que a História se fez como disciplina independente aqui no Brasil, deixando de certa maneira de ser submissa à Teologia bem como à Filosofia. Pode-se perceber que o ensino de história sempre andou imbricado com a reflexão de uma identidade nacional, cujo país tentou buscar após a independência, tanto que foi um dos motivos que levou a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, um ano após a fundação do Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. O ensino só era oferecido para as camadas mais privilegiadas da sociedade brasileira daquela época e a aprendizagem era avaliada pela memorização do conteúdo.

De acordo com Circe Bittencourt (2008, p. 144), nas primeiras décadas do século XX, presenciamos no Brasil a escola dos Anarquistas e a Escola dos Annales, já propondo novas tendências e métodos diferenciados para o processo de ensino e aprendizagem, voltando-os a concepção do ensino de história. Mas como tudo, houve seus opositores, que defendiam um método de aprendizagem voltado para valores “Positivistas”, consistia em aprender nomes e datas de grandes eventos, valorizando principalmente o método da memorização, instigando os alunos a serem simples reprodutores do conhecimento. Além de ser aplicado ao ensino esta perspectiva aparece

na própria produção do conhecimento histórico, escrever história era transcrever tal qual estava escritos nos documentos tidos como oficiais, defendendo assim uma verdade absoluta.

Muitas mudanças foram operacionalizadas com relação ao ensino de história, principalmente nas últimas décadas do século XX, articuladas às transformações sociais, políticas e educacionais. Observamos assim que os currículos escolares tornaram-se objeto de análise situando seu significado político e social.

Corroborando com esses pensamentos de inovações e desejos por uma educação mais inclusiva e atuante, no ano de 1996 foi promulgada as Leis de Diretrizes e Base da Educação Nacional(LDBEN-96), fundamentada em princípios de uma sociedade democrática, como pré-julgava a Constituição de 1988. Em 1998 foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) no intuito de servir de manual para modificar as práticas pedagógicas, visando o melhoramento da educação a nível nacional, bem como proporcionar uma leitura crítica da cultura, dos espaços e das experiências cotidianas de cada sujeito, por parte dos próprios alunos.

Os PCN's propuseram um ensino de história voltado para a crítica, com a finalidade de formar cidadãos com capacidade apreciativa, reflexiva e analítica, construindo o conhecimento histórico e mostrando que a aprendizagem seria o resultado de uma relação triádica, envolvendo professor-aluno-conteúdo, deixando para trás um modelo apenas pautado no ensino preocupado com a simples reprodução conteudista.

De acordo com a perspectiva da pesquisa, a mesma se insere no campo histórico da História Cultural, pois o próprio Currículo que compõe a disciplina de história é uma produção cultural, perpassando ainda a ideia de uma história social da cultura, no que se propõe analisar o sistema educativo, já que o mesmo se configura como um espaço imbricado de múltiplos sujeitos, culturalmente diversificados, constituindo dessa maneira a comunidade escolar, destacando como ponto de análise o ensino de história.

Entender como o ensino de História se configurou nas últimas décadas do século XX, será uma maneira de perceber como mudanças curriculares afetaram as práticas pedagógicas do mesmo nas escolas primárias e secundárias e uma determinada comunidade escolar permeada por sujeitos intrínsecos de subjetividades e de múltiplos interesses como tal interfere nessa convivência, a partir dos conhecimentos que são adquiridos e trocados. Por isso é importante perceber quais as funções que a escola assumiu diante da sociedade.

De acordo com Chervel, a escola tem uma função dupla: a primeira, a instrução das crianças e adolescentes; a segunda função é a criação das disciplinas escolares sendo:

[...] vasto conjunto cultural amplamente original que ela secretou ao longo de decênios ou séculos e que funciona como uma mediação posta a serviço da juventude escolar em sua lenta progressão em direção a cultura da sociedade global(CHERVEL, 1990, p.200)

A escola tem um papel central, pois os conteúdos a serem ensinados e os métodos pedagógicos aplicados são, na maioria das vezes, de sua escolha, não esquecendo de que são sempre influenciados por determinadas finalidades. Outro ponto a ser abordado no que se refere ao conteúdo das disciplinas escolares é que está sempre em renovação, seja no teor conteudista quanto nas questões de práticas e métodos, isso porque o público também está sempre se renovando, e a escola tem que adaptar a disciplina escolar às finalidades que devam atender a esse novo público. Partindo dessa premissa repensamos a disciplina de história no universo que subtendamos viabilizar a construção de uma consciência histórica, bem como a criticidade do alunado.

Para a realização da pesquisa, se verificou as cadernetas escolares da disciplina, da escola em questão, deixando claro que a mesma não possuía Projeto Político Pedagógico durante os anos pesquisados, bem como foi observado a aplicabilidade dos métodos e técnicas por parte dos professores e promovida uma discussão diante dessa aplicação e qual a sua influência na formação de cidadãos e na prática docente.

Além de fontes documentais foram utilizadas fontes bibliográficas para respaldar o embasamento teórico-metodológico da pesquisa, destacando alguns autores da área pedagógica como Circe Maria Bittencourt com sua produção: **Ensino de História: fundamentos e métodos**(2008), obra indispensável para se discutir o ensino de história. Foram analisadas as políticas públicas já elaboradas e elencadas acima, como os PCN's e a legislação do período estudado como a LDBEN, pois as formulações dos programas de ensino da disciplina tiveram como norteadores tais documentos. Levando em consideração as análises documentais, utilizamos entrevistas com as professoras, para perceber a aplicabilidade das propostas dos parâmetros diante do Ensino de História.

Para recuperar a totalidade do objeto como propõe a nova historiografia, Escola dos Annales, houve uma mudança no trato com as fontes de pesquisa utilizadas,

cabendo ao pesquisador fazer uma análise para além do documento. Ginzburg (1989) aponta que o pesquisador deve analisar não o que está à mostra nos documentos, mas os sinais que estes emitem para assim poder realizar os exercícios de desconstrução e reconstrução necessários a uma pesquisa, pois não podemos nos esquecer de que as fontes são mais do que simples vestígios de uma época, elas são fabricadas, tanto pelo passado, quanto pelo pesquisador que as coloca junto a um determinado conjunto de outros discursos.

O tema desta pesquisa é de considerável interesse, pois ambiciona elencar as mutações sofridas pelo Ensino de História em uma instituição privada de ensino na cidade de Sousa, no auto-sertão da Paraíba, sendo que até hoje não foi feita nenhuma pesquisa acerca desta temática, focalizando uma instituição privada na referida cidade.

Em igual medida torna-se relevante para a Academia e para a sociedade, pois irá discutir a prática implantada com relação ao ensino de História e como a mesma tem influenciado na formação de cidadãos e na consciência crítica dos mesmos acerca da sociedade na qual estão inseridos e problematizando as mudanças apontadas, considerando as relações dessas práticas com as políticas públicas de educação, considerando as diversidades culturais dos sujeitos que estão presentes no ambiente escolar, nas suas diferentes formas.

O presente trabalho se dividiu em três capítulos, no qual o primeiro capítulo foi subdividido em dois itens, primeiramente apresentando a história da Instituição, de como está se firmou na cidade de Sousa-PB, e por quais mudanças passou promovendo assim um paralelo com a educação brasileira neste mesmo aspecto e temporalidade percebendo como o Ensino de História veio se configurando até o final da década de 1990.

No segundo capítulo dividimos em dois subitens, no qual no primeiro realizamos uma discussão e reflexão acerca do Ensino de História trabalhado nas escolas primárias e secundárias do Brasil considerando os seus métodos e conteúdos que são peças fundamentais dentro do processo de ensino-aprendizagem, isso quando a escola pensa nas duas práticas (ensinar e aprender) juntas, enfatizando as transformações nas metodologias e nos conteúdos a serem trabalhados em cada segmento considerando a apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e suas diretrizes. No segundo subitem apresentamos as metodologias e conteúdos referentes ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e como estes se adaptaram as mudanças paradigmáticas. Para entender o impacto das mudanças e/ou permanências apresentamos gráficos referentes

aos rendimentos dos alunos durante esse período, pois sentimos a necessidade de apresentar uma relação existente entre conteúdos, métodos e avaliação, está que se faz tão presente quanto os demais no universo escolar e que auxilia tanto o professor no que diz respeito a mudanças na sala de aula.

No terceiro e último capítulo dividindo em três subitens elaboramos uma análise a respeito das Políticas Públicas de Educação vigentes no final do século XX, apresentando suas propostas e perspectivas para o quadro da educação brasileira, a fim de operacionalizar mudanças efetivas na mesma, como foi o caso da LDBEN/96 e de estratégias e direcionamentos apontados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998. Refletimos ainda sobre o papel do professor de História, engendrando a questão identitária deste profissional e de como sua relação com o aluno e o próprio processo de ensino-aprendizagem ganhou notoriedade após a elaboração dos PCN's, proporcionando aos alunos e a própria sociedade na qual está inserido a possibilidade de reflexão e compreensão dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos inerentes à sociedade. Por fim, chegamos a apresentação dos dados coletados a partir da aplicação dos dois grupos de questionários entregues as professoras do Ensino Fundamental da 6ª série e 8ª série (atualmente 7º e 9º anos) observando as transformações ocorridas no ensino de história no decorrer do final da década de 1990 e percebendo até que ponto as mesmas seguiram os direcionamentos sugeridos pelos PCN's de História, incorporando tais diretrizes.

CAPÍTULO I:

O COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA: CIÊNCIAS, FÉ E CIDADANIA

“Às margens férteis do Rio do Peixe
Em frente à praça do histórico Bento Freire
Altivo e nobre, qual árvore de belo porte
Plantada está no coração da querida Sousa
A Escola que eu amo - COLÉGIO AUXILIADORA

Seu lema é uma verdade
Busca ciência, fé, cidadania
Fazer o Reino de Deus acontecer
Aqui, agora, na história, em harmonia

O Colégio Auxiliadora planta valores
Na alma em flor da infância e juventude
São valores que o tempo não destrói
Ladrões não roubam, o mal não contamina
Dignidade, trabalho, justiça, amor-serviço.

Seus professores são mais que professores
Educadores, sim, são com certeza
Amam o que fazem, transmitem a beleza
Que está na VIDA, na pessoa, na liberdade, em Deus
Seguem a doutrina sábia da Mestra SANTA TERESA

[...]”

(Hino do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Letra: Irmã Aurélia Gonçalves¹;
Música: Maestro José Queiroga de Melo)

Quem disse que ENSINAR é fácil? O ENSINO em sua real natureza é na verdade um chamado para servir, servir ao próximo e a nós mesmos, pois um professor de verdade quando ensina oferece aos alunos a oportunidade de viver o prazer de aprender e conhecer a partir de suas vivências particulares, bem como coloca Monteiro (2007, p. 64),

A síntese pessoal da história da vida profissional de cada um dos professores expressa também um quadro de referências socialmente construídas e partilhadas, construção esta que se deu num processo de socialização profissional, mas que adquire expressão própria, particular, na história de vida de cada um.

¹Nasceu em Aurora, Estado do Ceará, dia 25 de outubro de 1934, rebento da tradicional família Gonçalves, seus pais: Joaquim Antônio Gonçalves e Raimunda Gonçalves Ferreira. Fez faculdade de Pedagogia em Fortaleza (CE) e ainda possui outros cursos de Extensão Universitária. Trabalhou como professora e diretora em diversas escolas mantidas pela Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. Chegou ao CNSA no ano de 1965 para ocupar o cargo de Diretora, o qual exerceu até o dia 31 de Janeiro de 2014. Atualmente está aguardando o novo comando da Congregação Religiosa a qual ela pertence.

Desde muito tempo se teve uma preocupação em ensinar aos outros, fosse como maneira de sobrevivência nas aldeias fosse para conhecer o ser humano mais intimamente, desde suas funções biológicas até os seus sentimentos ou até mesmo para passar experiências para uma geração posterior. Diante dessas necessidades o ensinar se tornou prática imprescindível para a evolução do homem.

A educação oriental foi uma das primeiras a se preocupar na sistematização do conhecimento, como exemplos podemos citar o Egito, a Índia e até mesmo a China com suas educações elementares e superiores², nas quais respectivamente os alunos aprendiam a ler, escrever e contar e depois aprendiam sobre astronomia, matemática, poesia, entres outros conhecimentos.

O exercício de quem se propõe a transmitir aos outros conhecimentos requer muita dedicação e respeito, principalmente porque estamos lidando com pessoas, seres com diferentes personalidades e desejos. Não podemos negar a responsabilidade que nos é dada no momento em que optamos ser professores.

Os desafios são lançados a todos os momentos na Educação, sejam diante das instituições de ensino, dos professores e até mesmo dos alunos, porém a Ciência vem ao longo do tempo estudando e criando alternativas para lidarmos com as adversidades que insistem em dificultar o processo de ensino e aprendizagem.

Neste caso, não podemos deixar de mencionar o caso da História, que dentre todas as outras disciplinas escolares, é a que nos interessa neste trabalho, pois o Ensino de História tem sido tema recorrente em debates pedagógicos e acadêmicos na Contemporaneidade, sem esquecer obviamente das perspectivas curriculares que permeiam as discussões.

Desta maneira, iremos descrever neste primeiro capítulo a trajetória histórica do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, uma instituição de ensino que se instalou no sertão paraibano em 1958. Considerando as reformas educacionais pertinentes ao período de sua fundação, buscamos analisar as transformações pelas quais o Ensino de História passou até o final da década de 1990, a partir dos relatos fornecidos pela Diretora Madre Aurélia Gonçalves Greycy.

² Ver LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 13 ed. São Paulo: Nacional, 1981.

1.1 Da ideia a instalação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

A década de 1950 presenciou muitos acontecimentos que marcaram essa data, seja a nível mundial quando tivemos a escolha de um novo Papa para a Igreja Católica, o italiano Angelo Giuseppe Roncalli eleito como Papa João XXIII; o mundo vivenciava também a Guerra Fria; a União Soviética lançava ao espaço o satélite Sputnik 3. A nível de Brasil surgia a Bossa Nova, conquistamos o primeiro título em Copa do Mundo, Juscelino Kubitschek estava em pleno exercício do seu mandato como Presidente da República, dentre outros acontecimentos.

Além de todos estes fatos que entraram para a história no final da década de 1950, na cidade de Sousa-PB surgia uma nova escola o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (CNSA), instituição de ensino de caráter religioso e pertencente a ordem da Congregação das Filhas de Santa Teresa, cuja sede se encontrava na cidade do Crato-CE. Atualmente a Congregação tem sua sede na capital do vizinho estado do Ceará.

Dom Quintino Rodrigues de Oliveira Silva e Madre Ana Couto fundaram esta família religiosa na cidade do Crato-CE no ano de 1923 no interesse de zelar pela formação de crianças e jovens excluídos de seus direitos à educação.

O que antes parecia um sonho foi se transformando aos pouco em uma realidade e assim as Escolas da Congregação foram surgindo em resposta mediante a necessidade que, segundo Madre Aurélia, Dom Quintino “viu, ouviu e acolheu”.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e demais Escolas Teresianas são mantidas pela Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. São Escolas que caminham à luz dos ensinamentos de Jesus, partindo da premissa de que o mesmo foi um grande mestre na concepção católico-cristã e perpassou seus ensinamentos a todos aqueles que se dispuseram a lhe escutar e, portanto, priorizam uma educação evangélico-libertadora, centrada nos princípios e valores cristãos e no compromisso de ser expressão da presença de Deus junto aos educandos e suas famílias.

A ideia de fundar o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na cidade de Sousa, segundo os relatos de Irmã Aurélia, começou quando o Cônego Oriel Fernandes, vigário de Sousa nomeado em janeiro de 1956, recebeu da família Mariz (família importante de Sousa) a doação de um prédio no qual havia funcionado a Escola São José e, anteriormente, a Casa de Caridade do Padre Ibiapina. Essa doação foi feita na condição de que o prédio funcionasse uma Escola dirigida por Religiosas.

Apesar dos esforços do Cônego Oriel nenhuma congregação religiosa se dispôs, segundo nossa fonte, a implantar uma escola na cidade. Em 1957 o Padre João Cartaxo chegando a Sousa logo percebeu o grande desejo da população sousense de ter uma Escola dirigida por Religiosas. Em conversa com Dom Zacarias Rolim de Moura, Bispo da Diocese de Cajazeiras, ficou motivado a convidar religiosas da Congregação das Filhas de Santa Teresa, já que a mesma já mantinha duas Escolas em sua Diocese: Piancó e Santa Luzia.

Segundo Maria Gonçalves Greycy (Madre Aurélia): “Padre João aderiu a ideia e, recebendo o apoio do então Bispo Diocesano, D. Zacarias Rolim de Moura, dirigiu-se a Crato-CE, sede da Congregação das Filhas de Sta. Teresa de Jesus, com o objetivo de conseguir a realização desse grande sonho dos sousenses [...]”.³

Inicialmente a Superiora Geral da ordem de Santa Teresa de Jesus, Madre Teresa, achou muito difícil atender ao pedido, pois as Religiosas eram poucas. Mas, segundo Madre Aurélia (2013), padre João “não desistiu e relutou, afirmando que o povo era muito bom e que as mesmas iam ser bem acolhidas. As irmãs iam encontrar o prédio pronto e mobiliado”.

Diante de tamanha insistência, nossa entrevistada (2013) declarou que Madre Teresa “não teve outra alternativa a não ser ir a Sousa comprovar o que já havia ouvido” e para manter dessa maneira um primeiro contato com o povo. Ao chegar, foi muito bem acolhida e, então, a partir desse momento decidiu aceitar o “apelo” do Vigário e do povo.

O prédio doado foi reformulado, aparelhado e mobiliado para funcionar como internato e externato. Durante quase um ano de trabalho, podemos dizer que merecem destaque o padre João Cartaxo, Dr. Romeu G. Abrantes, Dr. Pedro Gondim (Governador do Estado da Paraíba na época), Dona Berenice Pires e Dona Darcy Cartaxo, por seus préstimos a instituição, pois estes foram colaboradores diretos para a consolidação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Estas mesmas pessoas, formaram uma comissão que ficou responsável por decidir o nome que seria dado ao novo Colégio. Foram propostos para sorteio três nomes: Dr. Silva Mariz; Pio XII e, por fim, Nossa Senhora Auxiliadora que foi o sorteado.

³ GRECY, Maria Gonçalves. Traços do Ensino de História no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa-Pb: depoimento [6 de dezembro, 2013]. Sousa: *Colégio Nossa Senhora Auxiliadora*. Entrevista concedida a HarlanneKrislenBelarmino Dantas.

Antes do dia da inauguração chegaram às primeiras irmãs que deviam administrar a escola, a saber: Madre Iracema Barros (Diretora), Irmã Holanda (Secretária), Irmã Isabel, Irmã Tarcísia e Irmã Olga. Logo que chegaram ficaram hospedadas na residência do Sr. Antônio de Fontes e da Sra. Montinha, até o dia da inauguração.

A inauguração oficial ocorreu em 19 de março de 1958, através de uma celebração Eucarística, presidida pelo Bispo Dom Zacarias, com a presença de outros sacerdotes, das autoridades locais, dos Colégios da cidade, das futuras alunas e da comunidade sousense em geral. Logo no dia 23 do mesmo mês e ano, iniciava-se as atividades educativas, sob a orientação das irmãs citadas anteriormente.

Em 1960 a diretora, Madre Barros, foi substituída por Madre Angélica que durante a sua gestão fundou, em 1963, a Escola Normal Madre Teresa Machado, na qual tinha o objetivo inicial de trabalhar com turmas de pedagógico. Mais tarde a escola foi incorporada ao CNSA e se manteve funcionando até o ano de 1999, formando ao todo 34 turmas de professores.

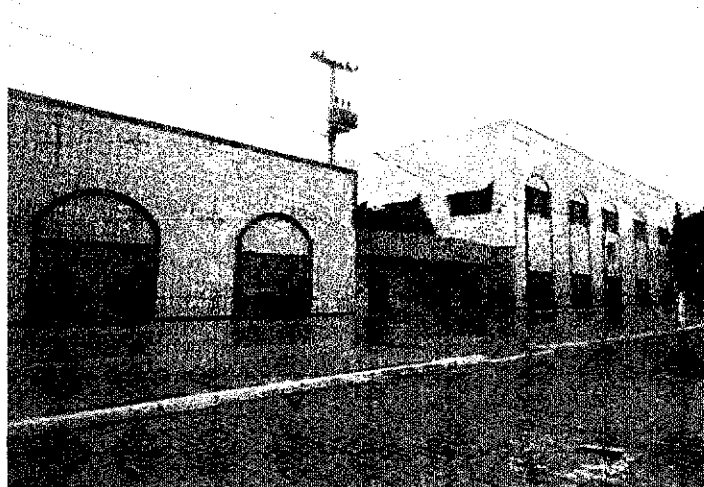
Ainda na gestão de Madre Angélica, o Sr. Nelson Meira fez a doação de um prédio localizado na Rua Sinfrônio Nazaré, bem no centro de Sousa, para que lá pudesse ser levantado a nova sede para o Colégio. Em sucessão a Madre Angélica, assumiu Irmã Carmélia que ficou a frente da instituição por apenas um ano.

Em 1965 após a saída da Irmã Carmélia chegava para assumir a direção do CNSA a Madre Aurélia. Assim que assumiu, não demorou muito e logo surgiram problemas com relação ao prédio cedido à escola, pois a sociedade sousense também se via necessitada de uma faculdade de Direito e para que a mesma pudesse se firmar precisava de uma cede própria. Diante dessa situação, a Madre explicou que teve que ceder em 1971 o prédio na Rua Sinfrônio Nazaré para ser a faculdade de Direito, cuja cede permaneceu até o ano de 2012.

Segundo Madre Aurélia (2013), houve um consenso entre as irmãs que dirigiam o CNSA e juntas optaram por bem ampliar as instalações do pequeno prédio, no qual, já funcionava a escola e aos poucos foi tomando a forma que se apresenta hoje.



(Faixada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora - final da década de 1950)



(Atual faixaada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora)

Como bem colocou Madre Aurélia em nossa conversa, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, “desde sua origem, constitui-se como Instituição de fins filantrópicos e dentro desse espírito vem promovendo uma educação de qualidade, com muita aceitação e respeito no meio social em que é implantado e até nas cidades vizinhas”.⁴

Na sua perspectiva pedagógica o Colégio se propõe a trabalhar em uma vertente transformadora da realidade a fim de promover a construção da autonomia,

⁴GRECY, Maria Gonçalves. Traços do Ensino de História no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa-Pb: depoimento [6 de dezembro, 2013]. Sousa: *Colégio Nossa Senhora Auxiliadora*. Entrevista concedida a HarlanneKrislenBelarmino Dantas.

desenvolvendo uma proposta político-pedagógica democrática e participativa,⁵ aliando a essa proposta os princípios religiosos adotados pela escola desde o momento de sua fundação, objetivando buscar a cidadania, a fé e a ciência.

1.2 Caminhos percorridos pelo Ensino de História no Brasil (1950-1990)

O caminho percorrido pela História enquanto um conhecimento objetivo não foi dos mais simples, bem como afirma Thais Nívia de Lima e Fonseca (2011, p. 21),

[...] Na verdade, o próprio estatuto da História enquanto campo do conhecimento mudou com o tempo, conforme suas relações com o debate científico de uma forma geral e com as ciências humanas em particular. A rigor, somente a partir do século XVIII é que a História começou a adquirir contornos mais precisos, como saber objetivamente elaborado e teoricamente fundamentado.

O diálogo da História com as outras ciências se fez necessário para legitimar um saber diante das transformações inerentes à sociedade como um todo, fazendo então parte de um grupo seletivo de conhecimentos indispensáveis ao homem contemporâneo. Prova disso são os trabalhos que destacaram a cientificidade da disciplina e o seu distanciamento em relação às filosofias da história, como é o caso dos *Annales*, que se apropriaram das teorias das novas ciências sociais.

Logo após a História se consolidar como uma disciplina escolar, como apresentou Francois Furet⁶ e reafirmou Fonseca (2011, p. 25), ao dizer “que a História se constituiu disciplina escolar por obedecer a procedimentos específicos, como a adequação de linguagem, a definição de prioridade em termos de conteúdo, a utilização de imagens úteis à compreensão da história da nação”, é que se pôde incorporar e garantir a uma porção significativa da sociedade o processo de construção de identidades coletivas e nacionais.

Considerando todas as mudanças até a sua consolidação no âmbito escolar, o ensino de história no Brasil também acompanhou este ritmo de transformações, pois no

⁵ Cf. http://www.cnsaweb.com.br/novo/index_fco.php?page=pagina&id_pagina=35. Acesso em 26 jan. 2014.

⁶ Cf. FURET, Francois. O nascimento da história. In: *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, s/d, p. 12-16.

início, a disciplina surgiu com o mesmo propósito de outros países que serviram de modelo, a exemplo a França, que era de compor uma identidade nacional para o país.

Já durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, quando se criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, a educação alcançou o cenário nacional e o ensino de História passou a partir desse momento a ser adotado com os mesmos conteúdos e métodos em todo o Brasil, sem perder o seu caráter nacionalista e visando também o progresso do povo brasileiro.

No tocante a década de 1940 houve a Reforma Gustavo Capanema (1942) que promoveu o reestabelecimento da História do Brasil como uma disciplina autônoma e confirmou como objetivo fundamental a formação patriótica e moral dos cidadãos, permanecendo uma concepção de “grandes acontecimentos” e volvida para o fortalecimento dos sentimentos de amor a pátria⁷.

Dessa maneira podemos entender que programas curriculares e/ou orientações metodológicas seguiam a ideia de construção nacional, formando na sociedade o espírito do patriotismo e de uma consciente participação.

A partir da década de 1950, o próprio Ministério da Educação promoveu algumas mudanças nos conteúdos para o ensino de História, realizando uma reorganização na seriação dos assuntos para os cursos colegial e ginásial, um dos modelos a serem seguidos ainda era o Colégio D. Pedro II, onde o próprio elaborou um programa, no qual orientava o estudo de história para ações importantes no meio social.⁸

Mesmo com as mudanças imprimidas pelo Ministério da Educação, o ensinar história ainda seguia uma tendência tradicionalista⁹, visto os materiais utilizados como fonte de análise das metodologias abordadas.

Já na década de 1960, com o Golpe Militar instaurado em 1964, houve a intensificação de algumas características já presentes no ensino de História nas escolas brasileiras de nível fundamental a médio. O ensino permaneceu na formação de jovens enfatizando fatos políticos e grandes heróis.

⁷ Ver: FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História e ensino de história*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

⁸ *Idem, ibidem*. P. 55.

⁹ As práticas pedagógicas alicerçadas ao Ensino Tradicional compreende o universo escolar, no qual o professor é um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, detentor de todo o conhecimento, que será transmitido ao aluno, para que os mesmo possa reproduzi-lo tal qual foi ensinada, sem que haja qualquer reflexão ou criticidade por parte do aluno. Para melhores esclarecimentos ler: BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2ª Ed.: São Paulo-SP, Editora Cortez, 2008.

Após 1964 o ensino de História aprofundou essa concepção, combinada com medidas de restrições à formação e à atuação dos professores e com uma redefinição dos objetivos da educação, sob a ótica da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, no sentido de exercer o controle ideológico e eliminar qualquer possibilidade de resistência ao regime autoritário (FONSECA, 2011, p. 56).

Tendo em vista a afirmação de Thais Nivia Fonseca, os militares se aproveitaram, propriamente dito, das concepções de ensino da História na intensão de conter os levantes da sociedade e não acontecer nenhuma manifestação contra o regime, pois segundo o ideário dos militares a ordem se fazia necessária para o desenvolvimento do país, princípios norteadores desde a proclamação da nossa república.

O Ensino de História se tornou um refém dos interesses políticos por traz dos militares, passando a ser responsabilidade dos órgãos públicos, preparados adequadamente para atender as exigências do governo. Por isso, houve uma reorganização, na qual as disciplinas “Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira” passariam a fazer parte do currículo do ensino fundamental e médio, e História e Geografia originaram uma nova disciplina a partir da junção das mesmas, chamando-se Estudos Sociais, a fim de manter uma postura ideológica e moralizadora. O Conselho Federal de Educação afirmou que o objetivo principal dessa nova disciplina era de “ajustar” o aluno no meio em que vive, ensinando-o a lidar com uma vivência coletiva e cumprir com seus deveres de cidadão, formando nessa concepção um homem ideal.

Toda essa estruturação elaborada pelo Ministério da Educação era distribuída através das Secretarias Estaduais e estas faziam chegar aos seus respectivos municípios. Assim, o ensino se homogeneizava e tudo entrava em consonância com as Diretrizes políticas do Estado Autoritário.

É interessante ressaltar segundo dados de orçamento da União, com a constituição de 1967 houve uma diminuição nos investimentos direcionados a educação. Por um lado o governo se “preocupou” com o que deveria ser ensinados dentro das escolas e nas universidades, no entanto no que diz respeito aos investimentos deixava a desejar. Segundo os dados do IBGE de 1983 recolhidos por Selva Guimarães Fonseca (2003, p. 16),

A participação do Ministério da Educação e Cultura no orçamento decresceu de 10,6% em 1965 para 4,3% em 1975, e manteve-se no patamar médio de 5,5% até 1985. Em contrapartida, a rede de ensino privado cresceu em todo

país, especialmente o ensino superior, anteriormente concentrado quase exclusivamente em instituições católicas. A mesma tendência ocorreu com o ensino médio (2º grau), chegando a responder por 41% das matrículas em 1982, basicamente nos cursos preparatórios para as universidades e os outros cursos profissionalizantes, predominantemente noturnos.

A partir desses dados percebe-se que as diretrizes políticas e educacionais do governo militar, não era exclusivo do cenário público, mas também da esfera privada, já que conclui-se que os estudantes da rede particular de ensino faziam parte da camada mais favorecida da sociedade, com poder aquisitivo mais elevado, por isso era necessário uma eficácia no ensino de História e disciplinas afins.

Outra preocupação do governo autoritário foi em alterar o funcionamento de cursos profissionalizantes, mais precisamente as licenciaturas, para que elas passassem a ser de curta duração, revelando um descaso para com a formação de qualidade dos profissionais da educação, enquanto que outras áreas não tiveram nenhuma alteração.¹⁰ A implantação de licenciaturas de curta duração fazia parte do jogo de interesses do governo para gerar conhecimentos e mão de obra para o mercado.

O papel dos cursos de licenciatura curta atendia à lógica do mercado: habilitar um grande número de professores da forma mais viável economicamente – cursos rápidos e baratos, cuja manutenção exigisse poucos investimentos. Esse fato fez com que tais cursos proliferassem em grande número em instituições de ensino privado, uma vez que se tornaram grandes fontes de lucro para as empresas educacionais (FONSECA, 2003, p.19).

A partir desse momento educar/ensinar passou a ser um negócio bem sucedido para empresários sem qualquer interesse em valorizar a educação como algo necessário para uma sociedade e esses cursos passaram a formar professores aptos a ensinar qualquer disciplina ligada as ciências humanas, nesse caso a História, descaracterizando os saberes particulares dessas disciplinas, sendo “transmitidas como um mosaico de conhecimentos gerais e superficiais da realidade social” (FONSECA, 2003, p. 20).

Chegando ao final da década de 1970 a volta da democracia já se aproximava e o desejo por mudanças no ensino, principalmente no de história, era latente em todo o Brasil. Essa ânsia por transformações provocou a elaborações de novas propostas metodológicas para o ensino de história do ensino fundamental ao médio, seguindo os referenciais teóricos da Escola dos Annales, sugerindo uma valorização da história das

¹⁰Decreto-lei 547, de 18 de abril de 1969.

sociedades, da cultura escolar e do cidadão com opinião, assim como busca o CNSA na sua proposta pedagógica.

A vontade de inovação no ensino de história ganhou mais força na década de 1980 com o fim da Ditadura Militar e a volta de uma República Democrática. Eram muitos os interesses envolvidos, políticos, professores da rede pública, a imprensa em meio as muitas propostas de reformulação do ensino de História.

Os embates defrontaram posições políticas distintas – à esquerda e à direita -, pois o projeto era, para uns, extremamente radical, “ultra politizado” e “ultrassociologizado”; para outros era adequado à construção de uma sociedade democrática (FONSECA, 2011, p. 60).

O retardamento da implantação dessas novas propostas proporcionou a criação de vários currículos particulares a partir das necessidades apresentadas pelo livro didático.

Estes currículos passaram a ser aceitos por cidades fora do seu estado, proporcionando uma interação e troca de conhecimentos de um estado para outro. Mas como sempre um tem que se destacar, dentre os preferidos se encontrava o currículo de Minas Gerais, apesar dele não ser seguido ao “pé da letra”, o que interessava na verdade eram os princípios norteadores como a conexão das histórias do Brasil e Geral.

Durante esse momento de debates e elaborações uma ambiguidade se instalava. De um lado havia novas tendências metodológicas de ensino, perspectivas curriculares em discussão. Do outro a permanência de uma legislação criada ainda no período da Ditadura, pois disciplinas como Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica (EMC) permaneciam na grade curricular nacional, vindo a ser extintas apenas em meados da década de 1990.

Partindo de conceitos como “globalização”, “neoliberalismo”, os embates entre uma política educacional e a nova Lei de Diretrizes e Bases foram aos poucos desconfigurando as estruturas curriculares do ensino de História. A disciplina de Estudos Sociais foi destituída e a História e a Geografia retomaram sua autonomia, mas continuavam a ser ensinadas por professores polivalentes nas séries iniciais e no ensino fundamental e médio eram totalmente independentes, assumindo um importante papel para a formação dos cidadãos de uma sociedade plenamente participativa e democrática.

Há quem pense que as mudanças ocorridas na década de 1990 em relação aos currículos foi algo estritamente interno, mas não. Na verdade essas transformações

seguiram uma tendência internacional, algo que não nos surpreende, já que os nossos currículos desde o início buscaram referências em modelos externos, a exemplo a França, principalmente com a disciplina de História.

As reformulações curriculares dos anos 1990 consideraram as novas tendências mundiais, no qual delineava um modelo econômico como o único capaz de acompanhar a expansão do mercado, modelo esse que passou a ter outras maneiras de dominar e excluir.

A lógica diante da educação ganhava a partir desse momento uma nova tônica, o ensino passou a ser tratado como meio de formar pessoas capazes de competir e viver de acordo com os padrões impostos pelo mercado, que exige conhecimentos mais abrangentes, por isso Circe Bittencourt (2008, p. 102) afirma,

[...] Para esse modelo capitalista criou-se uma “sociedade do conhecimento”, que exige, além de habilidades intelectuais mais complexas, formas de manejar informações provenientes de intenso sistema de meios de comunicação e de se organizar mais autônoma, individualizada e competitivamente nas reações de trabalho.

Bittencourt nos faz refletir sobre uma nova forma de se ensinar, principalmente entender qual seria o novo papel do ensino de história nessa nova conjuntura, nessa nova teia de relações.

Desde o período de redemocratização do Brasil nos anos 1980, já se pensava em novas abordagens, métodos para o ensino de História. Os anos 1990 vieram para intensificar essas propostas tais como despertar as habilidades e competências dos alunos por meio de práticas metodológicas que relacionem os conteúdos programáticos e os conhecimentos prévios dos alunos, para que eles possam, justamente, cumprir com o papel que lhes é colocado pelo novo sistema educacional e os novos métodos também tem que se adequar com as novas tecnologias inerentes ao nosso tempo.

Partindo de uma política do governo federal, “o MEC comprometeu-se a realizar total reformulação curricular, que abarcasse todos os níveis de escolarização” (BITTENCOURT, 2008, p. 103). De uma maneira ou outra o Ministério da Educação e Cultura tinha que promover mudanças no currículo, já que era uma realidade mundial e o Brasil não podia ficar de fora.

Com essa proposta surgiram em 1997, em decorrência da LDBEN/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais, que seriam os currículos para atender o ensino

fundamental e médio. Um de seus objetivos era a indissociabilidade entre ensino e aprendizagem.

Por tanto, fica uma questão, como a prática curricular do CNSA se comportou diante das mudanças operacionalizadas pelas políticas públicas de Educação no que se refere ao contexto do saber histórico e das práticas de ensino? Pretendemos responder a esta questão no nosso último capítulo.

CAPÍTULO II

MÉTODOS E CONTEÚDOS DE ENSINO DE HISTÓRIA: UMA BREVE REFLEXÃO

“Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.”
Paulo Freire

Ao revisitarmos os caminhos percorridos pelo Ensino de História no Brasil a partir da década de 1950, não podemos deixar de perceber mudanças nos métodos e conteúdos que complementam o trabalho do professor de História e de como estes acompanharam estas transformações.

Para tanto é relevante compreendermos como estes métodos e conteúdos se constituíam na escola primária e na escola secundária, bem como no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, considerando os caminhos traçados desde o início da prática do Ensino de História no país.

2.1 Ensino de História: permanências e mudanças nos métodos e conteúdos da escola primária a escola secundária

O estudo da história sempre esteve presente nas escolas primárias brasileiras, o que foi modificando foi sua autonomia em relação a outras disciplinas como filosofia, as práticas pedagógicas e os conteúdos que deveriam ser estudados em cada nível escolar considerando o que era necessário para os ideais nacionais.

No avançar dos níveis escolares o ensino de História se ampliava, já que era uma disciplina responsável por transmitir uma história nacional e constituir o ideário de nacionalidade, objetivo esse que sempre esteve presente para os alunos das primeiras séries e compõe o currículo até hoje.

Após o Brasil se tornar independente, mas monárquico, as escolas primárias passaram a ser um lugar destinado basicamente a ensinar as crianças a ler, escrever e contar. Para isso era importante que os professores dessas séries utilizassem textos como a “Constituição do Império” e também a “História do Brasil” como bem explicou Circe Bittencourt (2008, p.61) já que “o ensino de História associava-se a lições de leitura, para que se aprendesse a ler utilizando temas que incitasse a imaginação dos meninos e fortificassem o senso moral por meio de deveres para com a Pátria e seus governantes”.

Desde o início da história da educação no Brasil, podemos perceber que os programas pensados para as escolas não eram homogêneos, ou seja, cada escola operava de maneira independente, com algumas particularidades na divisão dos anos escolares.

Segundo Bittencourt (2008, p.60) os “métodos e conteúdos foram sendo organizados e reelaborados a fim de atingir esse objetivo maior”, nesse caso o de exaltar no povo brasileiro uma identidade nacional, já que era a premissa do republicanismo do século XIX no Brasil.

Os estudos ligados à história eram previstos apenas na última etapa da escolaridade, no qual se estudava o civismo atrelado a um ideal religioso, pois os textos, segundo Bittencourt (2008), eram “preleções com histórias sobre a vida dos santos”, tornando muitas vezes heróis pelos sofrimentos vividos.

As avaliações eram pensadas com finalidade de comprovar a “capacidade” do aluno em memorizar os conteúdos e conseguir responder o maior número possível de questões, classificando dessa forma os alunos em aptos a passar ou não. As mesmas sofreram influências com as várias mudanças operacionalizadas no ensino de História.

Após o período da República Velha, as políticas educacionais pensaram em um ensino que atingisse amplamente toda a sociedade, buscando efetivar uma identidade nacional a partir de um passado comum para a nação.

Podemos destacar como método de ensino perpetuado nas escolas primárias a memorização, que até hoje tentamos desvencilhar das práticas de ensino de História. Aprender história corroborava com a ideia de decorar datas, nomes de grandes homens e fatos em geral e copiá-los no caderno. Para os Estudos Sociais, segundo Bittencourt (2008, p. 74)

Os métodos tornaram-se de vital importância para o bom resultado dos Estudos Sociais, uma vez que os conteúdos históricos, geográficos, sociológicos, etc. se difundiam, assim como as categorias e conceitos básicos provenientes das ciências de referência. Os *métodos ativos*, que situam a criança e seu centro de interesses como pontos de partida [...].

Legitimando um método fundamentado em Dewey¹, é evidente a utilização do mesmo nas escolas de 1º grau, assim como na nossa contemporaneidade. O Ensino passou a ser baseado em atividades, destacando a pesquisa e o trabalho em equipe, algo que transformaria a realidade vivenciada pelos alunos em estímulos para suscitar uma aprendizagem e uma integração do educando em um ambiente cada vez mais heterogêneo.

O método e a avaliação eram ferramentas utilizadas pelos professores para validar os seus trabalhos em consonância com o processo de ensino e aprendizagem e construir na escola um ambiente plenamente pedagógico e desenvolver um sujeito social e hábil para o sistema.

Os conteúdos de História pertinentes às séries iniciais se baseavam em datas cívicas e comemorações dos feitos dos grandes heróis da nação, organizados de maneira linear, cronológica e na periodização política e sempre utilizando fontes escritas como documentos para se escrever a História.

Já para as escolas consideradas secundárias, a referência do Colégio Pedro II serviu para legitimar o ensino de História, por assim dizer, já que o mesmo se tornou obrigatório, integrando tanto os currículos das humanidades clássicas como os currículos científicos.

O nível secundário se caracterizou como um curso oferecido pelo setor público, em liceus provinciais, em ginásios republicanos e também pelo setor privado, que até hoje realiza um papel preponderante na sociedade, pois o mesmo foi criado para suprir as demandas das elites.

As escolas confessionais de ordens religiosas de ordem europeia, nos séculos XIX e XX, foram muito importantes e responsáveis pelo estabelecimento de um sistema de ensino bastante amplo, com externatos e internatos, tanto para meninos quanto para meninas. A presença dos *colégios confessionais* foi constante até os anos 50 do século passado, quando começaram a sofrer imensa concorrência de escolas secundárias leigas, que passaram a proliferar à medida que se ampliava o público escolar secundário, no processo de crescimento da classe média urbana (BITTENCOURT, 2008, p. 77. *Grifo nosso*).

¹ Cf. DEWEY, J. Vida e educação. Tradução: Anísio Teixeira. (9ª ed.) São Paulo: Melhoramentos, 1975.

Corroborando com a ideia de Bittencourt, percebemos o quanto as escolas de caráter religioso foram importantes na concretude do ensino secundário até meados do século XX, exemplo pertinente a situação foi o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que trouxe para Sousa-PB uma nova perspectiva para a educação da cidade, tendo em vista o desejo da sociedade em ter uma escola dirigida por religiosas, demonstrando total confiança no trabalho desempenhado pelas mesmas, algo presenciado em muitos momentos da história da Educação no país, desde o período colonial.

Após a década de 1950, houve um expressivo aumento de escolas tidas como leigas, já que não eram confessionais, responsáveis pelo ensino secundário, denotando desta maneira o interesse de certos grupos em “investir” na educação como forma de subsidiar o avanço e o desenvolvimento da nação brasileira.

A História que se ensinava nas escolas secundárias cooptava no currículo denominado “humanista clássico”, que implicava numa formação a priori sem utilidade, no entanto, era por meio deste que os sujeitos eram caracterizados como da elite, contribuindo para uma distinção entre classes sociais.

Os conteúdos trabalhados no secundário, “visavam uma formação moral perpetrados no ideal mais uma vez de civilização, cujos valores eram difundidos como universais, porém praticados somente pela elite [...]” (BITTENCOURT, 2008, p. 78), seguindo essa lógica as disciplinas eram preparadas objetivando a construção de valores.

Considerando os conteúdos estudados, a história ensinada no século XIX, baseava-se ainda na História Geral, só após a fundação do Colégio Pedro II, introduziu-se a História do Brasil, para fortalecer assim um estudo da história da Pátria, a mesma ganhou sua autonomia só depois da década de 50 do mesmo século, entretanto era oferecida apenas nas series finais. Salientamos que o ensino secundário não era pré-requisito para o ingresso no ensino superior.

A Lei 4.244 de 1942 sob o ministério de Gustavo Capanema proporcionou ao ensino secundário uma reestruturação, dividindo-o em dois níveis: o curso ginásial e o curso científico, objetivando a “formação de um setor terciário, consumidor e urbano” (BITTENCOURT, 2008, p. 82), preparados para atender as demandas da sociedade e provocando a efetivação de uma cultura geral, já que os ensinamentos perpassavam noções de religião, fatos econômicos, sociais, artísticos e outros.

A transformação pela qual o secundário passou preconizou, como já mencionado anteriormente, o nascimento da disciplina Estudos Sociais pós integração das disciplinas das ciências sociais.

A disputa travada entre professores e o poder público não ocasionou mudanças efetivas e imediatas no conteúdo “enciclopédico” de História, tentativas houveram, mais pouco se concretizou, pois desde o final da década de 1970 já se pensava em um ensinar História não mais voltado para a formação de uma elite, mais sim por um ensino homogêneo voltado para a conjuntura social e direito a cidadania.

Em relação aos conteúdos e métodos nas práticas do ensino de História, tanto na escola primária quanto na secundária passaram pelas mesmas alterações, saindo de um ensino ligado a métodos de memorização e conteúdos cronologicamente organizados, para um ensino voltado a métodos ativos pautados em conjecturas da psicologia cognitiva como bem estudou Paulo Freire¹.

A elaboração de novos currículos por parte dos estados brasileiros no final da década de 1970 do século passado proporcionou uma nova perspectiva em relação aos conteúdos e aos métodos abordados no ensino de História, como no caso da integração das histórias do Brasil e Geral, ou a organização de conteúdos utilizando conceitos ou expressões favoráveis ao Marxismo no estado do Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, desde o final da década de 70 já se notavam iniciativas [...] pela elaboração e efetivação de programas oficiais e mais por experiências realizadas em escolas públicas e pela publicação de livros para o ensino médio que propunham uma nova abordagem (FONSECA, 2011, p. 61).

Em outros estados como Minas Gerais, as propostas curriculares serviram de referência para os demais, pois as mesmas seriam um resumo das esperanças de um ensino de História participativo e público, que levasse aos alunos uma reflexão prática sobre questões pautadas na política ou em outros assuntos pertinentes ao período estudado.

Novas perspectivas arrolaram, engendrando outro cenário para que o ensino de História pudesse se destacar, por isso

¹ Cf. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

Além da efervescência provocada por essa nova proposta no meio docente, tanto no secundário quanto universitário, também o meio editorial foi sacudido, na medida em que as editoras de livros didáticos se apressaram em ter autores que preparassem novos materiais consoantes com o novo programa, numa corrida por um mercado cada vez mais significativo. Em pouco tempo, ampliou-se a aprovação [...] a esse novo programa e aos novos livros didáticos, numa condenação aberta ao chamado programa tradicional e suas respectivas metodologias de trabalho e materiais didáticos (FONSECA, 2011, p. 61).

Essas reviravoltas nas propostas curriculares transformou um método que durante muito tempo norteou os ensinamentos da disciplina de História, em um “vilão”, pois o mesmo passou a ser insuficiente e ultrapassado para os novos tempos que se configuravam na história da Educação no Brasil e do ensino de História mais precisamente, assim como em outros países do mundo.

Propostas de mudanças quanto a metodologia aplicada nas aulas de história já eram consideradas desde a década de 1930, mesmo continuando com a necessidade de um domínio abrangente sobre os conteúdos ministrados em História.

Controvérsias entre o que ensinar e como ensinar já era realidade na prática docente e que até hoje persistem. De acordo com Bittencourt (2008, p. 88)

As contradições entre o que era proposto por meio de métodos ativos, como filmes e excursões, e a prática de memorização mecânica explicam-se em parte pelo sistema de avaliação imposto, o qual exigia o domínio de um conteúdo extenso em um número reduzido de horas aula de História [...] Tal sistema justifica assim o costumeiro uso da “cola” para as provas escritas e dito estudantil “quem não cola não sai da escola”.

Percebe-se que durante a década de 1930 o método “caminhava” junto ao tipo de avaliação aplicado aos alunos durante as aulas de História, já que se a prova exigia que o aluno “decorasse” determinados conteúdos, era claro que o método utilizado pelos professores valorizariam a prática da memorização.

Apenas nos anos 1950 seguindo um modelo de currículo norte americano, os conteúdos e principalmente os métodos se voltaram para uma fabricação submissa aos interesses do Capitalismo, ou seja, integrando um esquema contornado por ideologias econômicas e políticas, pautadas como já mencionado para um desenvolvimento da nação.

A demanda por novos métodos suscitou em técnicas de ensino que fosse além do uso do livro didático em sala, como no caso de documentos originais, revistas, outras

leituras que aguçasse o interesse dos alunos e pudesse fazer deles pessoas patrióticas e intelectuais.

Os métodos passaram a ser considerados “técnicas de ensino”, e iniciou-se uma fase de propostas pedagógicas que passaram a ser denominadas de “tecnicismo educacional”. Havia “técnicas” para o trabalho em grupo, técnicas de leitura de textos, técnicas para realizar excursões, técnicas de estudo dirigido, etc. Não havia, portanto, necessidade de repensar o conteúdo, mas apenas de aperfeiçoar “técnicas do ensino” (BITENCOURT, 2008, p. 90).

Sendo assim, repensar os métodos aplicados era simplesmente aperfeiçoar as técnicas utilizadas em sala para qualquer atividade proposta pelo professor, sem que tivesse necessariamente que alterar o conteúdo programático.

Métodos taxados de “tradicionais” geralmente são associados a certas práticas como uso do quadro, livro didático e aula expositiva, no entanto hoje o que conhecemos pelos métodos inovadores também utilizam esses materiais sem permanecem aulas estritamente tradicionais.

Podemos dizer que aulas “tradicionais” vão além dessas características, devemos considerar também a relação entre aluno-conteúdo-professor, pois se o aluno é um ser passivo, que simplesmente não participa do processo de ensino e aprendizagem, a aula realmente torna-se tradicional, já que o professor não se preocupa em envolver o aluno e instigar no mesmo o interesse em participar efetivamente deste processo.

A partir da década de 1970, todas as mudanças nas técnicas de ensino foram consideradas métodos inovadores, passou a incorporar novos instrumentos para as aulas das ciências humanas, bem como instrumentos para a área de exatas.

No que diz respeito ao material usado nas aulas de História, podemos dizer que nesse momento houve uma ampliação, pois os professores passaram a incorporar tecnologias, assim como a representação social¹ do aluno como instrumento metodológicos.

Uma compreensão do método de ensino nas aulas de História relaciona o conhecimento prévio e o conhecimento científico do aluno, nos levando a uma reelaboração de métodos avaliativos, já que os mesmos estão intrinsecamente ligados, validando o processo de ensino e aprendizagem, bem como, o trabalho do professor.

¹ Para uma melhor compreensão do assunto ler: JODELET, Denise (Org.). *Lesreprésentationssociales*. Paris: PUF, 1989.

2.2 Métodos e conteúdos no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1997-1999)

A década de 1990 consideravelmente sofreu influências da Lei Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN) de 1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) elaborados em 1997 e efetivamente difundido em 1998, pois ambos traziam para nossa educação novas perspectivas para o ensino como um todo, e para o Ensino de História em particular.

Fazendo a leitura da LDBEN/1996 percebemos algumas preocupações com relação à educação básica, tais como,

“Art. 22º. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. [...]”

Art. 26º. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Art. 27º. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.” (BRASIL, 1996, s/p)

O objetivo central da nova LDBEN/96 foi considerar a educação o direito assegurado a todos, destacando o papel da mesma como construtora da cidadania, proporcionando as ferramentas para a promoção do progresso pessoal, sendo necessário que os currículos possuíssem uma base comum, fazendo parte de uma equidade social e educacional. Destacou ainda a preocupação com o que deveria ser considerado nos conteúdos, tais como o nível de escolaridade do aluno, os direitos e deveres pertinentes a todos, dentre outros.

Baseando-se nesses pontos foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais para atender os anseios da educação brasileira. Os PCN's traziam propostas educacionais tanto para o ensino fundamental quanto para o médio, para que fossem incorporadas as escolas dos Estados e dos Municípios brasileiros, sendo dividido por disciplinas e flexíveis a mudanças pertinentes a cada região que se fizesse presente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual (BRASIL, 1997, p. 13).

Ambos propõem para a educação metodologias diferenciadas e necessárias a um ensino para todos, independentemente do grau de ensino no qual se encontre. Porém, com relação ao ensino de História,

Os métodos de ensino são destacados como elementos decorrentes de uma concepção de história associada a uma concepção de aprendizagem, e disso advém a apresentação dos limites do uso dos livros didáticos como instrumentos pedagógicos exclusivos e a necessidade de recorrer a documentos portadores de outras linguagens, sendo comuns as sugestões de utilização da literatura, de textos de jornais, das imagens, músicas, etc. nas aulas de História (BITTENCOURT, 2008, p.117).

Dessa maneira, analisando os diários escolares¹ de duas professoras do ensino Fundamental do CNSA, compreendendo a 6ª e 8ª séries, atualmente 7º e 9º anos respectivamente, percebemos uma alteração nos conteúdos da 6ª série, que em 1997 compreendia conteúdos referentes à História do Brasil, durante todo o ano letivo, a partir do processo de Independência do Brasil até o Governo de Fernando Henrique Cardoso, para com os conteúdos ministrados em 1998, que passou a abordar a História Geral, mais precisamente do início da Idade Medieval até o período correspondente a Colonização do Brasil, durante o desbravamento das Capitânicas Hereditárias.

Os PCNs (1998, p. 55) planejaram

Para o terceiro ciclo está sendo proposto o eixo temático História das relações sociais, da cultura e do trabalho, que se desdobra nos dois subtemas As relações sociais e a natureza e As relações de trabalho. Cabe ressaltar que essa separação é meramente analítica.

O eixo temático e os subtemas remetem para o estudo de questões sociais relacionadas à realidade dos alunos; acontecimentos históricos e suas relações e durações no tempo; discernimento de sujeitos históricos como agentes de transformações e/ou permanências sociais; abordagens históricas e suas aproximações e diferenças; e conceitos históricos e seus contextos.

¹Ver em Anexos.

Considerando o que os PCN's apresentaram para o terceiro ciclo em relação aos conteúdos e os que as professoras estavam trabalhando em sala de aula, percebemos uma disparidade, já que não houve uma relação evidente entre eles, já que podemos notar que as professoras não seguiam a perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Com relação a metodologia empregada nas aulas, baseando-se na leitura dos diários, notamos que a professora Maria do Socorro Costa ministrava suas aulas de maneira expositivas, com a utilização do livro didático como apoio, filmes, exercícios avaliativos da aprendizagem do aluno e trabalhos referentes ao conteúdo estudado, como podemos observar no exemplo a seguir:

1919	• filme: Cidadania
	• Dementório
	• Atividade
1919	• Descrição da atividade verbal e filme?
	• Atividade do aluno: rebelião no sep. velho.

(Caderneta, 1997, 6ª série)

Ao questionarmos se havia relação entre as metodologias aplicadas pelas professoras e os rendimentos dos alunos durante os anos finais da década de 1990, Socorro Costa comentou “se buscamos aplicar boas práticas metodológicas podemos obter bons resultados” e Fátima Manguiera completou, “os resultados melhoraram em decorrência dos mais variados meios didáticos”. Considerando os rendimentos quantitativos das aulas de História, elaboramos gráficos para representação, com relação aos anos de 1997 – 1998 - 1999 da 6ª série. Vejamos a seguir:

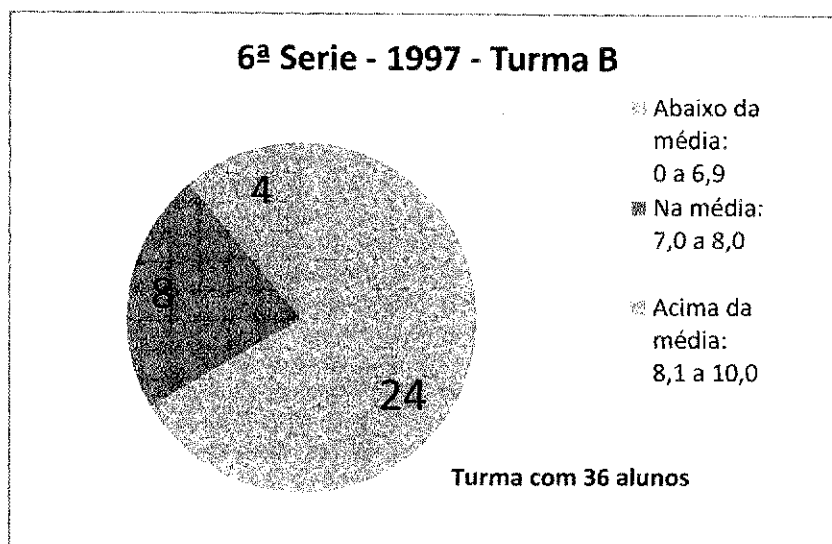


Gráfico 01.

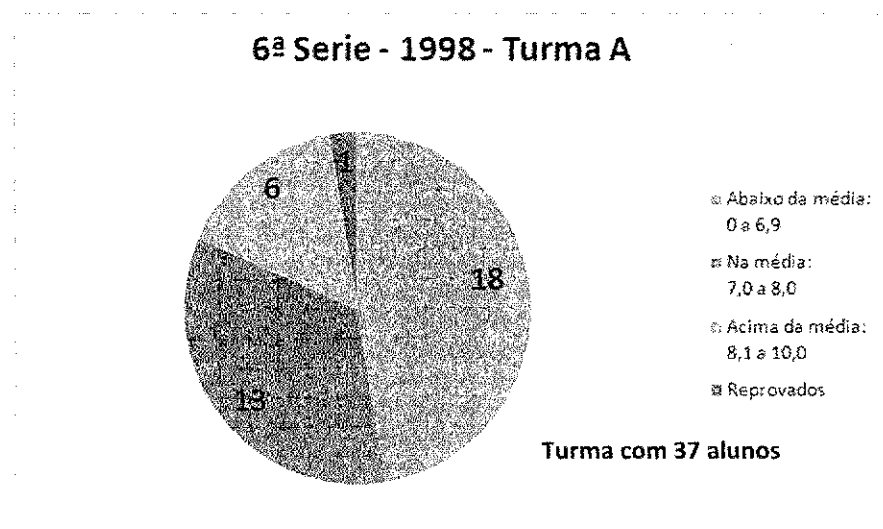


Gráfico 02.

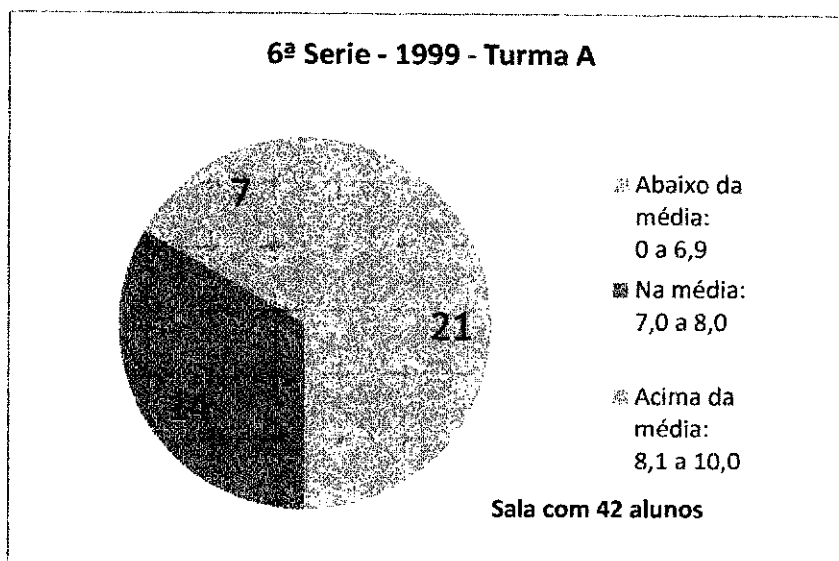


Gráfico 03.

O gráfico 1(um) apresentou o rendimento escolar de uma turma de 36(trinta e seis) alunos durante o ano de 1997, ano de elaboração dos PCN's, no qual o desempenho abaixo da média foi percebido por um total de 66,66%, dentro da média houve um percentual de 22,22% e alunos com notas acima da média estimada ficaram em 11,11%, considerando as metodologias adotadas pela professora no referido ano como consta nos registros de aula, bem como os conteúdos.

Já o gráfico 2(dois), apresenta os rendimentos durante o ano de 1998, ano de implantação dos PCN's, que já era de conhecimento das professores da escola. O índice de alunos abaixo da média na disciplina de História continuou elevado, com cerca de 48,65% de alunos de uma turma de 37(trinta e sete), o número de alunos com notas dentro da média escolar chegou aos seus 35,13%, o que destacamos durante esse ano foi o fato de ter havido uma reprovação, considerando um percentual de 2,71%, este índice nos faz pensar sobre a perspectiva dos PCN's em relação a metodologia e avaliação que deveria ser utilizadas em sala de aula, para aproveitar de todas as maneiras o conhecimento prévio do aluno, instigando-o a conhecer e a buscar sempre mais, no entanto ao observarmos as cadernetas escolares, o resumo elaborado pela professora Socorro Costa, tanto para o ano de 1997 como para 1998 não houve alteração de metodologia, sendo isto que tenha provocado a permanência no baixo rendimento das aulas.

O mesmo se observou, por conseguinte no gráfico 3(três), no qual de uma turma de 42(quarenta e dois) alunos 51,20% da turma ficou com nota abaixo da média,

segundo em segundo lugar aqueles alunos que ficaram dentro da média com um percentual de 33,23% e como observado desde o ano de 1997, alunos com notas acima da média sempre ficaram em último lugar, nesse caso com um índice de 15,67%

Para a 8ª série com relação ao rendimento escolar das turmas dos anos de 1997 - 1998 - 1999 houve mudanças durante o ano de 1998, como pode ser percebido no gráfico 5 (cinco), no entanto as práticas didáticas e conteúdos não passaram por mudanças. Segundo os PCN's de História (1998, p.65), o 4º Ciclo (7ª e 8ª séries) apresenta uma perspectiva diferente para os conteúdos, tendo o conhecimento adquirido pelos alunos ao longo das séries anteriores.

No quarto ciclo, os alunos já dominam um conjunto de noções, informações, explicações, procedimentos e reflexões históricas e temporais, que possibilitam estudos mais conceituais das vivências humanas no tempo. Cabe, contudo, ao professor sempre investigar esses domínios para saber quando introduzir novas temáticas históricas.

No CNSA a 8ª série manteve os conteúdos de 1997 a 1999, compreendendo a Idade Média até a Idade Moderna. Quanto aos métodos utilizados pela professora Maria de Fátima Manguieira não difere da professora Socorro Costa, acrescentando apenas textos complementares a explicação abordada pelo livro didático, como consta nas cadernetas escolares da 8ª série de 1997, como mostra a imagem a baixo:

07/03	Texto complementar: Rei solitário a base da arte de Veneza	Texto complementar: as idéias de explicação de pneumonia
	tema histórico	exercício
30/03	As idades antigas na Europa da Idade Moderna dele histórias sobre e te-	31/03 Exercício de interpretação de apresentação com texto e conteúdo de 2º livro
	história	história

(Caderneta, 1997, 8ª série)

O rendimento quantitativo dos alunos de acordo com as atividades avaliativas realizadas ao longo do ano letivo ficaram conformes aos gráficos 4, 5 e 6.

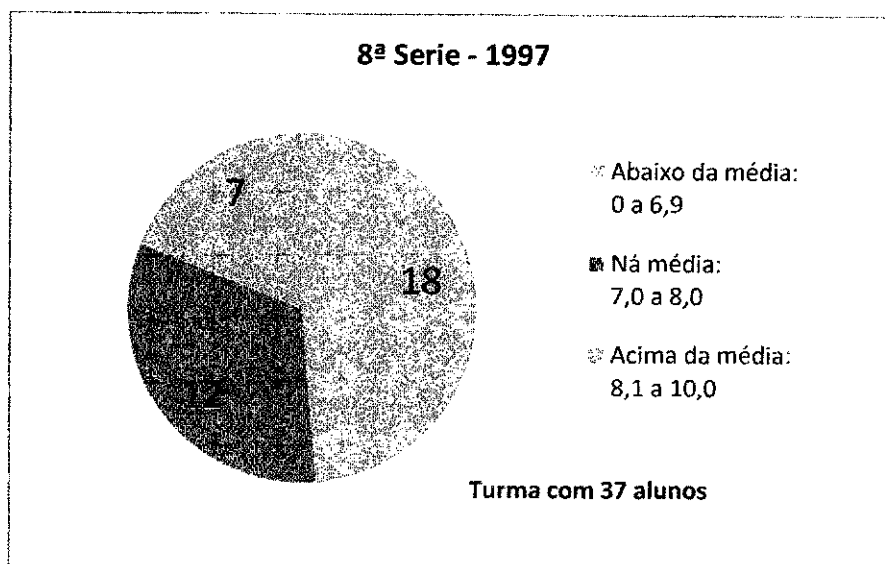


Gráfico 04.

No gráfico 4 (quatro) os rendimentos em percentual ficaram da seguinte maneira: alunos que ficaram com notas abaixo da média corresponderam a 48,65%, alunos com rendimentos dentro da média da escola chegou a 32,46% e por fim alunos com rendimentos acima do desejado chegou a 18,99%, quase 7% a mais em relação a 6ª série durante o mesmo período.

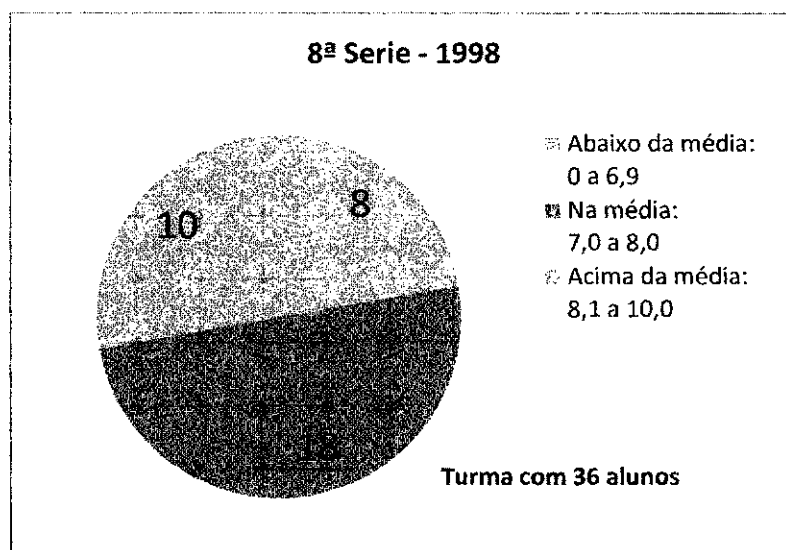


Gráfico 05.

O gráfico 5 (cinco) apresenta rendimentos diferenciados, em relação aos demais, pois o percentual de alunos com notas dentro da média estimada ficou em 50%, as notas estimadas acima da média marcaram 27,79% e o índice de alunos abaixo da

média foi o menor em comparação com os demais gráficos, tendo um número de 22,21% de um total de 36 (trinta e seis) alunos, isso durante o ano de 1998, ano em que a professora Fátima Mangueira disse ter participado de um curso, no qual pôde aprofundar seus conhecimentos acerca dos PCN's, mesmo com a permanência nas metodologias durante os anos analisados, talvez os estudos realizados pela professora podem ter contribuído de alguma maneira no rendimento de seus alunos, no entanto, a mesma postura não se manteve, proporcionando um regresso nas notas dos alunos durante 1999, um ano após a implantação dos parâmetros. Observemos o gráfico abaixo:

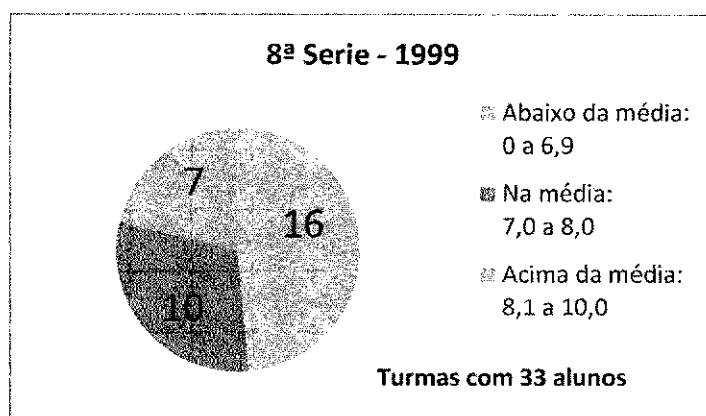


Gráfico 06.

O gráfico 6 (seis) da turma de 8ª série de 1999, continha 33 (trinta e três) alunos, dentre eles o percentual de alunos abaixo da média voltou a aumentar ficando em torno de 48,48%, no entanto ficou abaixo da soma dos percentuais dos alunos acima da média e na média estimadas, que ficaram em torno de 21,22% e 30,30%, respectivamente.

De acordo com os gráficos das seis turmas analisadas os alunos apresentaram rendimentos abaixo da média, nesse sentido podemos observar que “os bons resultados” não foram perceptíveis durante os anos destacados, tais dados observados e analisados serviriam para otimizar as mudanças necessárias para amenizar recorrentes problemas e não para classificar ou rotular a prática do professor, pois o conhecimento é algo subjetivo e heterogêneo e todas as esferas da educação, não somente no ensino de História.

Comparando com o que propõe os PCN's, os conteúdos trabalhados no CNSA, não acompanharam pelo que consta nos diários as mudanças sugeridas pelo mesmo, já

que a proposta seria uma História por eixos transversais como: meio ambiente e até mesmo educação sexual; as professoras continuaram a seguir a lógica proposta pelos livros didáticos adotados pela escola.

As propostas dos parâmetros passaram a exigir um trabalho mais intenso por parte do professor, cujo trabalho agora deve estar atrelado aos seus alunos, para que juntos possam pesquisar, estudar conteúdos e materiais didáticos necessários as diversas condições da escola.

CAPÍTULO III

AVALIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS: O ENSINO DE HISTÓRIA, AS POLÍTICAS PÚBLICAS E O COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

“Cada época é definida pelo que apresenta de novo, de especificamente seu. Pode não ser um alto pensamento filosófico, uma grande reforma moral, uma arte requintada, uma ciência generosa. Mas há-de ser a dádiva de qualquer uma dessas manifestações humanas, ou todas, numa concepção inteiramente inédita, original, inconcebível noutro tempo da história.”

Miguel Torga

Neste terceiro capítulo, apresentaremos os resultados obtidos nas análises dos questionários que foram entregues a duas professoras que lecionaram a disciplina de História nos respectivos anos fundamentados na pesquisa (1997-1998-1999) no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

No entanto, antes de expormos as análises pretendemos tecer algumas considerações em relação as propostas curriculares que permearam os três anos pesquisados, sendo este o primeiro momento, percebendo as novas perspectivas pertinentes ao Ensino de História, a metodologia bem como suas avaliações e mudanças no conteúdo. Essa necessidade vai promover uma discussão acerca das permanências e transformações no ensino de História dentro do CNSA. Para tal, usaremos uma metodologia pautada em um levantamento bibliográfico para concatenar nossas ideias e corroborar com nossas interpretações.

A metodologia utilizada, no segundo momento desta pesquisa, dividiu-se da seguinte maneira: aplicação dos questionários, verificação dos dados coletados e, por fim, elaboração dos resultados e ordenamento de conclusões.

Participaram do projeto de pesquisa duas professoras com idade entre 51 e 58 anos. Estas professoras lecionam no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora a mais de 25 anos, fora os anos em que estudaram neste educandário. Os questionários foram divididos em dois grupos tendo perguntas mais subjetivas e outras mais objetivas (a maioria), como pode ser observado nos anexos.

A princípio pensamos em realizar a pesquisa com as quatro professoras da disciplina durante o período analisado, no entanto, por questões técnicas a pesquisa não poderia ser realizada, por isso só foi possível contatar apenas as duas docentes, ambas possuem formação em História. Após selecioná-las, informamos como aconteceria a pesquisa, logo em seguida foram entregues os questionários, entre os meses de novembro e dezembro de 2013.

O presente capítulo estará dividido da seguinte forma: políticas públicas na educação: PCN's e LDBEN-1996; o professor e sua relação com o ensino de História; e por último o ensino de História no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: uma reflexão sobre as permanências e mudanças.

3.1 Políticas Públicas Educacionais em debate: Parâmetros Curriculares Nacionais e Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (1996).

A partir da década de 1980 houve uma abertura democrática para com as Políticas Públicas, principalmente em relação à Educação, isso como todos sabemos devido a chamada “redemocratização” do Brasil, após o fim do período do Regime Militar.

No que diz respeito as disciplinas escolares houve transformações diante de novas propostas curriculares elaboradas por Estados e alguns municípios e posteriormente na década de 1990 pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e a própria Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, que foi reformulada seguindo a lógica de uma nova perspectiva educacional mundial, na qual é universal o direito de todos à educação escolar e expandindo assim o ingresso de muitos brasileiros nas escolas públicas do país.

Tais políticas públicas serviram para amenizar os impactos causados pela chamada “crise da educação vivenciada de forma aguda pela sociedade brasileira contemporânea” citada por Fonseca (2003, p. 29), além de “controlar” e regular as manobras que permeiam as relações entre a educação escolar e a própria sociedade.

A responsabilidade de educar tanto é da família quanto da própria escola, por isso que quando se educa, também se forma, sociabiliza o homem para o meio em que ele vive, para que ele não se destrua ou desconstrua o mundo em que vive, dessa maneira como afirmou Fonseca (2003, p. 30), “pressupõe comunicação, transmissão, reprodução”, ações estas que universalizam a educação.

Analisando as propostas curriculares, percebemos o quanto elas estão permeadas de expressões culturais, políticas e memórias, já que são elaboradas a partir das vivências e experiências das pessoas responsáveis pela construção dos textos que compõe o material.

Com relação à cultura mais especificamente, Forquin (1993, p. 14) escreve,

[...] a educação não é nada fora da cultura e sem ela; dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma tradição docente, que a cultura se transmite e se perpetua: a educação realiza a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana.

Ou seja, educação e cultura caminham lado a lado, mantendo uma relação de mutualidade, como se uma só existisse por causa da outra, além de contar com a participação do elemento da memória, que faz com que a cultura se propague por meio da educação e visse versa.

Seguindo esta mesma linha de pensamento podemos destacar o papel que a escola assume diante dessa relação tríade educação-memória-cultura. Corroborando com as ideias de Giardinetto (2004, p. 03) podemos considerar que,

A escola é o espaço próprio em que se realiza o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos das ciências, bem como para promover a sensibilidade artística, a postura filosófica, a análise política, etc, a partir de atividades intencionalmente dirigidas pelo professor. A escola, portanto, revela-se como o legado histórico que a faz ser instituição formativa, necessária e imprescindível a todo indivíduo inserido no contexto social em que vivemos.

Nesse sentido o que chamamos de cultura escolar¹ compreende todo o universo educacional, desde a escola enquanto um simples prédio, passando pelos sujeitos que a compõe e tudo o que é posto como saber constitutivo de sujeitos sociais partindo também de uma memória individual e/ou coletiva.

Diante dos PCN's no caso da disciplina de História, estabeleceu-se uma

¹Para melhor esclarecimento sobre o conceito aqui abordado, conferir na obra: FARIA FILHO, Luciano Mendes de, VIDAL, Diana et all. *A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira*. Educação & Pesquisa, vol. 30, nr. 1, jan./abr., 2004.

explicação perante o conhecimento histórico e de como ele foi sendo incorporado ao currículo escolar mantendo uma interlocução com a História. Essa foi uma preocupação de professores e de profissionais responsáveis pela elaboração de materiais didáticos que são ao mesmo tempo pesquisadores e produtores de um conhecimento historiográfico.

Por essas e outras foi que através do saber histórico foram se constituindo métodos e recursos didáticos que buscassem a valorização do aluno como um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, sendo este um dos objetivos almejados pela perspectiva escolanovista. Mesmo não alcançando sempre os propósitos, os professores de história estão sempre buscando novos mecanismos para poderem compreender a relação presente/passado e poder também historicizar situações cotidianas.

Observamos o texto da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional e como já citado outrora, tanto o ensino fundamental quanto o médio, devem ter um estudo pautado em um nacionalismo comum, integrando traços regionais existentes devido a diversidade cultural apresentada pelo nosso país, já que cada Estado se apresenta a sua maneira.

O texto da LDBEN/96, trata de diretrizes para a educação de maneira mais generalizada, pois parte-se do princípio que mesmo havendo diferentes disciplinas o objetivo é um só com relação ao processo de ensino-aprendizagem, imprimir rumos à educação no nosso país, garantindo o conhecimento dos deveres e direitos dos cidadãos como um todo.

Para o ensino de História do Brasil, segue-se o mesmo princípio incorporando nos seus conteúdos “as contribuições das diferentes culturas e etnias” (LDBEN-96) que constituíram o nosso povo, para que os alunos sejam capazes de conhecer, reconhecer e valorizar o que dispomos no nosso país.

Já o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais de História nos direciona a desenvolver nos alunos um olhar mais crítico acerca da História. Dentre os objetivos pensados pelos PCN's estão:

- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;

- utilizar as diferentes linguagens - verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

Como bem sabemos, os textos das diretrizes, assim como os parâmetros são “veiculadores de ideologias, propostas culturais e pedagógicas com grande poder de penetração no meio escolar” (FONSECA, 2003, p. 33) e todo o meio social, interferindo na dinâmica das escolas, das próprias editoras e gráficas que criam e confeccionam os livros didáticos e os alunos que vão passar a estudar aquilo que é posto e tido como necessário para sua formação enquanto estudante e sujeito social.

Por isso, torna-se tão importante refletir sobre o impacto dessas duas políticas públicas na educação e no nosso caso no Ensino de História, compreendendo a relação dos saberes históricos transmitidos com a escola e os discentes.

Desde o período de redemocratização do Brasil o ensino de História vem sendo alvo de reestruturações, sendo segundo Fonseca (2003, p. 34-35) uma,

[...] estratégia não só na luta pelo rompimento com as práticas homogeneizadoras e acríicas, mas também na criação de novas práticas escolares. O objetivo do saber histórico escolar *é constituído de tradições, ideias, símbolos e significados que dão sentido às diferentes experiências históricas.* [...]

[...] As experiências curriculares contemporâneas em diversos países têm-nos demonstrado possibilidades, caminhos, na construção de currículos de história para uma educação verdadeiramente democrática. [...] (Grifos nossos)

A História assim como outras áreas do conhecimento, é um campo de pesquisa e produção do saber que está em constante transformação e muito distante de um único posicionamento, as diversas tradições, símbolos e experiências nos faz percorrer um caminho de constantes questionamentos, principalmente quando se trata da educação e do ensino de história propriamente dito.

Perceber de que maneira políticas públicas atuam na área da educação e de que forma elas nos auxiliam em buscar melhoramentos para o ensino como um todo, não é uma tarefa fácil, mas se faz necessário para compreendermos e tentar encontrar um caminho para enriquecermos nosso sistema educacional e proporcionar ao ensino de história todas as possibilidades de trabalho que se espera.

Relacionando teoria e metodologia na História, podemos destacar ampliações nos temas de estudo que auxiliam cada vez mais os pesquisadores a pensarem sobre os

fatores que influenciam na construção do conhecimento histórico, já que as maneiras de estudar o passado são múltiplas.

O professor/pesquisador na área de História, a partir das mudanças realizadas no campo historiográfico, teve uma flexibilidade maior em estudar certos temas, como no caso de uma história social da mulher, da criança e até mesmo da história da educação, juntamente com essas novas perspectivas os métodos de pesquisa também se expandiram, proporcionando ao campo da história novos rumos para a produção do conhecimento histórico e estabelecendo uma nova relação entre o professor e a disciplina de História.

3.2 Profissionais de História e o Ensino de História

Enquanto professores temos um trabalho árduo a cumprir, precisamos ensinar para contribuir no processo de humanização de alunos historicamente situados, para que estes saibam conviver com as diversidades imprimidas pelo cotidiano de cada um, compreendendo que o ensino é uma realidade social inerente a todos.

Para entendermos o profissional em História, precisamos primeiro entender como se configura a construção de uma identidade, neste caso de âmbito social¹. A identidade não é algo imutável, mas um processo de formação de sujeitos historicamente situados.

No caso da identidade do professor, assim como de outros, “emerge em dado contexto e momento históricos, como resposta a necessidades que estão postas pela sociedade” (PIMENTA, 2007, p. 02). Esta identidade profissional “se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições” (PIMENTA, 2007, p. 03). Por isso podemos dizer que ser professor assume um caráter dinâmico e partindo das análises diante das realidades sociais é que descobrimos referências para nos modificar.

No tocante a identidade docente, podemos destacar também o trabalho realizado por Emery Marques Gusmão², no qual demonstra em um dos capítulos de sua obra

¹Para melhor compreensão desse termo ler : Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense. Neste trabalho, o autor aborda a identidade como categoria da Psicologia Social, cujo estudo se baseou no materialismo histórico e no método dialético para se estruturar.

²Mestre em História, doutora em Educação e trabalhou nove anos na rede estadual de ensino. Lecionou Didática na UNESP, câmpus de Assis-SP.

“Memórias de quem ensina História” como se deu “a ruptura na cultura e na identidade do professorado” após as reformas curriculares do regime militar. Segundo ela, “o apreço à formação universitária parece ter apagado os últimos resquícios do missionarismo do magistério e imposto a profissionalização”, ou seja, o que de fato passou a importar foi o magistério como um mero emprego para complementar a renda em casa, sem qualquer preocupação com uma identidade docente ou até mesmo com o processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, considerando o espaço do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, para as professoras entrevistadas, quando perguntadas sobre considerar a disciplina de História ser importante para uma formação de identidade, ambas responderam que sim, pois segundo Socorro Costa, “está disciplina oportuniza os alunos a falarem sobre diversos assuntos, estando sempre atualizado”, e proporcionando uma análise e compreensão sobre a realidade que os cerca.

Durante certo tempo o professor atuou como um simples executor de políticas públicas e planos educacionais elaborados por “especialistas” e os alunos eram apenas seres passivos, que só recebiam as informações necessárias para se passar em prova, sem ter qualquer sentido em sua vida e tornando a escola um lugar entediante.

Pensando em minimizar esses efeitos sobre o interesse dos alunos pela escola, a Secretaria de Educação de São Paulo iniciou uma revisão nos currículos educacionais, no interesse de inserir uma discussão sobre as ciências humanas tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, para isso restituiu o ensino de História e o de Geografia.

Segundo Martha dos Reis (2012, p. 283) foram várias as razões para que houvesse uma revisão no currículo do Estado de São Paulo, dentre elas estavam,

[...] esvaziamento de conteúdo pelo uso excessivo dos livros e/ou manuais didáticos; c) ensino sem significação para os alunos e professores dado à compartimentação dos conteúdos e à repetição dos manuais; d) processo de descaracterização das disciplinas que vitimavam professores e alunos.

Além de sanar com estes problemas, havia o “drama” da quantidade de reprovações que eram recorrentes nas escolas paulistas e para responder aos apelos da sociedade paulistana que almejava uma educação de melhor qualidade para com os seus, abolindo um ensino seletivo.

No entanto, tais medidas de fato não foram implementadas pelos professores de São Paulo por diversas razões, como as questões teóricas que não estavam claras, dentre outras, mas podemos dizer que essa revisão curricular foi um pontapé inicial para se pensar novas propostas curriculares de âmbito nacional para injetar ânimo no sistema educacional brasileiro.

Dessa maneira os Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados em 1997, buscou proporcionar ao profissional em História novas perspectivas de se trabalhar a disciplina fosse na parte metodológica, nos conteúdos e/ou até mesmo na parte avaliativa, beneficiando um aprofundamento nas questões sociais, culturais que envolvem o ambiente escolar e os próprios alunos, objetivando também uma transformação positiva no sistema educacional brasileiro.

Portanto, é relevante conhecermos como se configurou a partir da década de 1990 com essas novas propostas curriculares o que funcionou e o que alterou na relação do professor com a disciplina de história e quais práticas pedagógicas foram incorporadas no ensino de história.

Tais propostas curriculares deveriam considerar alguns pontos importantes para que os objetivos desejados fossem alcançados, “como a adequação dos conteúdos a serem ministrados para que todos os alunos pudessem compreender, a escola deveria se enquadrar nas exigências do mundo moderno, preocupando-se em ensinar o que fosse fundamental” (REIS, 2012, p. 283) e condições de trabalho mais adequadas para os professores, mas essas reformas e maneiras de formação e capacitação de professores só o tempo revelará os resultados.

Com novas propostas curriculares e até mesmo diretrizes gerais para a educação, o papel do professor ganhou ainda mais notoriedade. Um exemplo é a metodologia progressista que, coloca o professor como um mediador entre o conhecimento e o aluno, mas não é um mediador como qualquer outro, o professor passou a fornecer as ferramentas necessárias aos alunos para que estes cheguem a um conhecimento partindo de vivências cotidianas e relevantes para sua formação enquanto um sujeito crítico e reflexivo e um cidadão no sentido pleno da palavra.

O profissional da área de História tornou-se imprescindível para proporcionar a sociedade uma compreensão do meio social, bem como dos aspectos culturais, políticos e econômicos que engendram a comunidade.

O considerável aumento no acervo metodológico para a disciplina de História proporcionou ao profissional de História diversas possibilidades para atuar em sala de

aula, os recursos tecnológicos ampliaram as possibilidades metodológicas. A utilização de documentos de múltiplas qualidades, como cartas, músicas, fotografias, até mesmo figurinos de outrora, tudo para despertar nos alunos interesse e curiosidade para com o mundo que o cerca.

Não querendo desmerecer, mas em certos momentos a metodologia se torna bem mais importante do que a própria teoria, não que essa não seja importante, no entanto, quando preparamos nossas aulas adequando a metodologia ao aluno, considerando a multiplicidade de uma sala de aula, nós enquanto professores esperamos conseguir alcançar o maior número de alunos possível, para que o objetivo de torná-los críticos e reflexivos funcione.

A metodologia, assim como o sistema avaliativo e os conteúdos são necessários ao trabalho do professor de História e isso fica claro no PCN's, já que o mesmo buscou direcionar melhores condições de utilizar cada um dos recursos supracitados.

No processo de avaliação é importante considerar o conhecimento prévio, as hipóteses e os domínios dos alunos e relacioná-los com mudanças que ocorrem no processo de ensino e aprendizagem. O professor deve identificar a apreensão de conteúdos, noções, conceitos, procedimentos e atitudes como conquistas dos estudantes, comparando o antes, o durante e o depois. A avaliação deve ser mensurar simplesmente fatos ou conceitos assimilados. Deve ter um caráter diagnóstico e possibilitar ao educador avaliar o seu próprio desempenho como docente, refletindo sobre as intervenções didáticas e outras possibilidades de como atuar no processo de aprendizagem dos alunos (BRASIL, 1998, p. 62).

Os critérios de avaliação para o terceiro e quarto ciclo, assim como os métodos didáticos se tornam função do professor para criar situações de ensino para que os alunos compreendam as relações entre passado e presente, ações individuais ou coletivas e as articulações sociais.

Sendo assim, podemos corroborar com a ideia de que as reformas educacionais influenciaram na atuação dos professores de história, favorecendo a prática docente e contribuindo para uma melhor formação dos alunos, para enquadrá-los na sociedade como devidos cidadãos.

3.3 Mudanças e permanências do Ensino de História no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

Tratamos a seguir sobre as respostas obtidas a partir da aplicação dos questionários do grupo um e dois, aplicado as duas professoras de História, sobretudo o último que buscou perceber as mudanças operacionalizadas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora com relação ao Ensino de História, a partir das novas políticas públicas implantadas no final da década de 1990.

Ambas as professoras dividem a sua jornada de trabalho em duas instituições de ensino e possuem cerca de vinte e cinco anos de serviços prestados ao CNSA. A participação em cursos de aperfeiçoamento são feitos pelas duas, Socorro Costa atualmente faz parte do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), curso oferecido pelo Estado para todos os professores estaduais. Fátima Manguiera costuma participar de Jornadas Educativas. Ao nos referirmos a escolha de uma outra profissão, tanto uma quanto a outra não optariam por outra profissão, pois segundo Socorro Costa “o professor continuará tendo a sua importância no cenário da educação brasileira, sendo este um profissional do futuro”.

Ao acreditarmos na potencialidade dos professores, bem como, dos alunos, podemos dizer que isso é algo que nos impulsiona a seguir em frente para tentarmos transformar a educação brasileira. Podemos dizer que “é na sala de aula que se realiza um espetáculo cheio de vida e sobressaltos” (SCHMIDT, 2004, p. 30), isso porque cada aula que o professor planeja é única e os sentimentos nela impressos são diferentes, nos proporcionando momentos singulares.

Antes de ingressarem no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, ambas foram alunas deste educandário, Fátima Manguiera cursou o pedagógico e pelas atividades empenhadas durante o curso recebeu o convite para ser professora, iniciando seu trabalho como docente em 1978. Algo parecido aconteceu a Socorro Costa, ingressando como professora em 1982, cuja “admiração pela escola, pelos profissionais que tanto amor dedicavam as suas atividades, pela metodologia aplicada” foi crescendo ao longo dos seus anos enquanto aluna e só se reafirmaram quando ingressou na escola como profissional.

Com relação ao planejamento que deve ser feito pelo professor seja de que disciplina for, para ambas é algo indispensável, já que segundo Socorro Costa, “o planejamento é um companheiro permanente do bom desenvolvimento e de uma boa

aula do professor”, e para Fátima Mangureira, apesar da “experiência que o professor tenha é impossível entrar na sala de aula” sem qualquer planejamento, por mais simples que ele possa parecer.

Na questão 06 do segundo questionário perguntamos se “houve mudanças na forma de planejar do final da década de 1990 para os dias atuais”. Fátima Mangureira afirmou que houve uma preocupação maior em inserir os conteúdos mais significativos para o aluno e sua participação nas aulas; já Socorro Costa afirmou que houve mudanças especialmente pela contribuição tecnológica e de novos instrumentos para a melhoria das aulas.

As mudanças atribuídas aos planejamentos das professoras levaram em consideração os direcionamentos elencados pelos PCN's, pois segundo elas, o mesmo proporcionou um pensar e agir diferenciados em torno do planejamento.

Na questão 08 perguntamos sobre a concepção do ensinar e aprender, as respostas se complementaram, pois para Socorro Costa “ensinar e aprender caminham juntos, não existe aquele que saiba mais ou menos, mas aquele que está eternamente querendo aprender”, postura essa que não é deixada de lado pelo professor que, de acordo com Fátima Mangureira “é um eterno aprendiz, e não existe o ensinar sem aprender”.

Em consonância com o trabalho do professor, além dele se propor a ensinar conteúdos, utilizar metodologias que atraíam os alunos, se faz necessário que haja um bom relacionamento entre o mestre e o aluno, o respeito mútuo para que tudo transcorra bem na sala de aula e fora dela. Sendo assim, Socorro sempre procurou ter um bom relacionamento com os alunos, defendendo uma opinião de que “uma boa convivência ajuda na melhoria da aprendizagem”. Já Fátima deixou claro que havia um bom relacionamento, mas já havia traços de “rebeldia por parte de alguns alunos”, mas nada que não fosse possível de resolver.

Ao perguntarmos a respeito de mudanças ocorridas no ensino de História no final da década de 1990, afirmaram que “sim”, Fátima destacou que a interdisciplinaridade com as demais áreas do conhecimento foi um ponto bem explorado; para Socorro “o tempo que não para” trouxe mudanças, nas quais foram acompanhadas pelo ensino de História, vindo somar ao ato de ensinar mais significação e nisso tanto os PCN's quanto a LDBEN/96 contribuíram voltando um olhar mais profundo no conhecimento do aluno, observando-o como um todo, tendência muito

explorada pelos PCN's que pensou partir do espaço social do aluno para que este possa desenvolver a criticidade e a compreensão dos fatos históricos que lhe são intrínsecos.

As reuniões por departamento ou por área sempre foram praticadas na escola, os professores costumavam se reunir para discutir sobre o andamento da disciplina e o que fazer de diferente. Neste sentido, perguntamos “como aconteciam estas reuniões após as mudanças curriculares no ensino de História”. Fátima frisou que “sempre realizava uma avaliação da disciplina por série”, e após as conclusões se planejava de forma a superar as dificuldades enfrentadas, complementa ainda afirmando que “sempre havia a preocupação com a formação do professor”, por isso tinham sempre um texto para ser lido e debatido nas reuniões, além é claro, costumavam ver a História não como uma disciplina decorativa, mas uma matéria que “pudesse ajudar na formação de cidadãos conscientes do seu presente, passado e futuro”; corroborando com essa ideia Socorro afirmou que estas reuniões “sempre a motivava a tratá-la como uma ciência da vida, complementando as outras disciplinas”.

O Ensino de História pode desempenhar várias funções dentro do ambiente escolar. No caso do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o mesmo, segundo Fátima, despertava uma preocupação com os conteúdos, na intenção de trabalhar “com os mais significativos para os alunos”, mas de acordo com Socorro, sem deixar de dar oportunidade aos alunos, para “poderem criticar, opinar e expressar seus pensamentos com liberdade”, corroborando assim com os objetivos elencados pelos PCN's para o ensino de História.

No tocante ao uso dos PCN's e da LDBEN/96 nas reuniões de departamento, Fátima afirmou que os mesmos “não eram utilizados com muita frequência”, mas por ter feito um curso no qual pôde estudar os Parâmetros Curriculares Nacionais isso facilitou o trabalho no departamento.

Dessa maneira, podemos refletir sobre como devemos/podemos utilizar os Parâmetros Curriculares Nacionais para melhorar e transformar o ensino de História, para que cada vez mais nossos alunos sejam e se sintam verdadeiros sujeitos históricos dentro do ambiente onde eles vivem e trocam experiências.

Além da análise efetuada nos questionários aplicados, observamos também as cadernetas escolares citadas no primeiro momento no segundo capítulo. Pois os diários escolares são instrumentos legais de registro dos desenvolvimentos das atividades pedagógicas desenvolvidas pelo professor, devendo conter informações básicas como o objetivo, a metodologia e o conteúdos de cada aula lecionada.

04/9	Atividade reflexiva - conteúdos para para trabalhar - no cotidiano que mesa de discussão Resumo didático
09/9	Exercício de interpretação de texto de gramática
5/9	Revisão Gramática - exercícios do processo avaliativo em sala de aula
11/9	Exercício de interpretação de texto de gramática

(Caderneta, 1998, 8ª série)

Sendo assim, podemos perceber que o discurso que se faz presente nos questionários é um, no qual é pertinente desenvolver nos alunos a capacidade crítica, trabalhar os conteúdos com novas técnicas para que as aulas não se tornem “chatas” para o alunado. No entanto nas cadernetas analisadas não é possível perceber o objetivo pretendido durante as aulas, já que muitas vezes os conteúdos foram apresentados, porém a metodologia aplicada ficou esquecida pelas professoras ao resumir as aulas em seus registros.

Diante disso podemos pensar em uma questão: Será que para os registros escolares, que são tidos como documentos oficiais, é mais importante deixar exposto o conteúdo ministrado, do que a própria metodologia ou os objetivos almejados em cada aula? Qual seria a conexão existente entre os conteúdos ministrados e a vida cotidiana dos alunos? As atividades realizadas em sala de aula apresenta alguma metodologia diferenciada? É possível inferir outras metodologias nos diários?

Observamos que todos os registros de aulas analisados partiram da mesma organização, conteúdos ministrados e depois a “metodologia” aplicada ou avaliação e em nenhum momento ficou exposto qual seria o objetivo das aulas, algo que de acordo com o Ministério Público de Educação e Cultura (MEC), não deveria ser deixado de lado, no entanto nos registros das cadernetas das professoras do CNSA isso não aconteceu, denotando aos conteúdos maior importância em relação aos objetivos.

Considerando que os PCN's direcionaram os professores a se apropriarem do conhecimento prévio dos alunos e de sua vida cotidiana para pensar os assuntos relevantes a serem estudados, o mesmo não se fez presente nos registros das aulas, uma vez que, os conteúdos lecionados em cada série seguia nitidamente a sequência esquematizada pelos livros didáticos, o que nos fez perceber que não havia nenhuma

relação entre conteúdo e o cotidiano dos alunos, houve uma simples transposição didática.

Vimos que de acordo com os PCN's as metodologias e as avaliações são tão importantes quanto os conteúdos lecionados, dessa forma, não teria necessidade de haver uma distinção deste das demais ferramentas utilizadas pelos professores para atuar na sala de aula.

Contudo, no que diz respeito as atividades ou avaliações realizadas as metodologias aplicadas por ambas as professores não se diferenciaram, uma vez que elas utilizaram, como já mencionado e exemplificado anteriormente, práticas como estudos dirigidos, exercícios de verificação da aprendizagem, textos complementares sem evidentemente especificar como eram realizadas tais atividades.

Sendo assim, de acordo com as leituras realizadas nos registros de aulas, não ficou perceptível a inferência de outras metodologias em relação aos conteúdos lecionados, tanto antes dos PCN's serem criados, quanto no ano de sua fundação como um ano após sua implantação efetiva.

Portanto, uma vez realizada nossa pesquisa com duas das quatro professoras de História do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, durante os anos de 1997-1998-1999, podemos perceber que diante dos direcionamentos dos questionários na perspectiva do discurso inferido nas respostas dos mesmos pelas docentes houve transformações no ensino de História na instituição, considerando as propostas e objetivos apresentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, julgando ser de interesse destas a qualificação cada vez mais do ensino de História e a potencialização da criticidade dos alunos, vinculando-o a realidade dos mesmos. Entretanto o discurso não é compatível com os registros das cadernetas escolares, já que diante dos mesmos não foi possível perceber tais mudanças, pois a apresentação dos resumos das aulas expressaram apenas os conteúdos a serem ministrados, uma metodologia bem sucinta e sem qualquer objetivo almejado, denotando uma objetividade das mesmas, minimizando a disposição de informações acerca desta pesquisa. Os próprios conteúdos são expressão de realidade que foge do cotidiano dos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho monográfico o foco foi a identificação das possíveis transformações no Ensino de História no final da década de 1990, tendo como referência o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora no município de Sousa-PB, utilizando como fontes, os diários escolares, entrevistas, questionários e conteúdos curriculares proposto pelo Ministério da Educação e Cultura para a educação brasileira e disciplina de História, bem como a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional e os PCNs.

O estudo sobre disciplinas escolares tem constituído um importante objeto de análise e elaboração de um conhecimento social e histórico acerca das propostas curriculares, suas práticas e seus promotores. De acordo com nosso estudo, observamos que a história do Ensino de História se articula ao processo de transformações curriculares pertinentes a cada mudança educacional que ocorreu em nosso país, assim como não devemos compreender a escola como um simples espaço de absorção de um conhecimento “limpo e seco”.

Percebemos os caminhos suntuosos pelo qual a disciplina de História teve que percorrer para se constituir como conhecimento, quando efetivada como disciplina escolar manteve o objetivo de constituir um espírito nacionalista nos brasileiros, só a partir da década de 1980 com as intensas mudanças operacionalizadas nos currículos houve consideráveis alterações que fizeram toda a diferença, tornando-a uma disciplina com essência (trans)formadora de cidadãos e pautada em novas concepções historiográficas, buscando romper com uma perspectiva reprodutivista até então praticada.

Antes de verificarmos as transformações ou permanências efetivadas no ensino de História no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, narramos a fundação da instituição, baseado nos relatos de Madre Aurélia e consultas ao site da escola. Mediante a pesquisa foi possível perceber quão relevante se tornou o colégio referenciado para a educação local.

Posteriormente realizamos uma revisão bibliográfica acerca da trajetória do Ensino de História no Brasil desde sua instituição como disciplina escolar, bem como, das alterações nos conteúdos e métodos tanto na escola primária quanto na secundária, já que estas sofreram maiores influências diante das mudanças curriculares ao longo do século XX, mudanças essas que foram significativas principalmente na década de 1980 após o período de redemocratização do Brasil e se intensificaram nos anos 1990.

Depois de termos efetivado a revisão bibliográfica, analisamos as políticas públicas da Educação no final da década de 1990 – a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional sancionada em 1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados em 1997 e distribuído em 1998 – para perceber quais mudanças haviam sido imprimidas na educação, bem como, no Ensino de História.

Por fim analisamos os questionários aplicados as professoras de História da instituição que lecionavam durante o recorte temporal da pesquisa, bem como as cadernetas escolares, para percebermos as transformações ou permanências no ensino de história na referida escola e compreendermos até que ponto tais mudanças se adequaram as políticas públicas de educação vigentes e propostas curriculares.

Mudanças são necessárias quando buscamos imprimir o melhor naquilo que fazemos, foi nesse pensamento que as políticas públicas de educação do Brasil foram criadas, para proporcionar ao país novas perspectivas para se trabalhar o processo educativo das crianças e jovens, e no caso dos professores de História, poder trabalhar a criticidade e a reflexão diante dos processos históricos da sociedade que está em constante mutação, reverberando assim, sobre sua participação na mesma e qual a sua função diante do processo de ensino e aprendizagem.

Ao nos referimos ao trabalho do professor de História, dizemos que este requer cuidados no que se refere as práticas pedagógicas, porém, não podemos despir este profissional de sua função enquanto pesquisador, por mais que seu título seja de uma Licenciatura, nas suas práticas diárias de sala de aula, ele deve considerar o seu lado de pesquisador, já que estima-se que os professores estejam sempre buscando formas de aperfeiçoamento e novos métodos para que consiga da melhor maneira possível chegar até o aluno e fazer com ele perceba seu papel dentro do processo histórico e se sinta como um verdadeiro sujeito histórico.

O que fica desta pesquisa é que ainda há muito o que pensar sobre as práticas didáticas e até mesmo das propostas curriculares que permeiam a educação, mas principalmente o Ensino de História, já que este assim como outras disciplinas das ciências humanas assumem um papel de grande responsabilidade, pois trabalham com a formação do homem e sua interação e compreensão da sociedade em que vive.

Sabemos que diretrizes existem, porém ainda não há uma apropriação total do que estas colocam para a disciplina de História, os PCN's servem como exemplos para cada um dos estados brasileiros, estes por sua vez elaboram seus parâmetros a nível de Estado, já os municípios organizam suas próprias políticas curriculares e por último as

escolas criam seus próprios projetos pedagógicos inspirados nas versões das instâncias maiores, ou seja, há uma hierarquização curricular, na qual as escolas se detêm a seguir o projeto pedagógico da mesma, deixando muitas vezes de lado objetivos importantes apresentados pelos PCN's por julgarem os projetos completos e de acordo com a proposta pedagógica da escola.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora desde a sua fundação trabalhou com o Ensino de História e se inseriu no contexto histórico e educacional da cidade de Sousa-PB, buscando realizar um ensino com qualidade e compromisso com os lemas defendido pela instituição: ciência, fé e cidadania.

As mudanças operacionalizadas no Ensino de História no CNSA aconteceram de acordo com as transformações operadas no país, principalmente as engendradas a partir da década de 1950, entretanto, as mutações ocorridas nos currículos de História, bem como, as políticas públicas de educação, não foram absorvidas por completo pela instituição, havendo assim permanências com relação a metodologia, os conteúdos trabalhados em sala de aula.

O método tradicional que virou alvo de todas as críticas envolvendo o meio educacional parece ter permanecido nas aulas de História do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apesar dos professores afirmarem o contrário.

Diante do exposto a análise dos questionários nos fez perceber que as professoras do CNSA, em seus discursos diante das respostas se apropriaram dos Parâmetros Curriculares Nacionais para tentar seguir as transformações que estavam por vir, as que destacando principalmente a metodologia aplicada, pois segundo elas houve uma inserção de novos instrumentos metodológicos, como os filmes, no entanto os objetivos pretendidos durante as aulas, bem como, essa apropriação dos PCN's não ficaram claros se foram ou não atingidos ou utilizados, uma vez que estes não ficaram evidentes nos registros das cadernetas escolares, denotando um pouco de dificuldade em nossa pesquisa. Mesmo sem haver uma relação entre o que foi registrados nos diários escolares o que propõe as políticas públicas de educação, as professoras se mostraram conscientes sobre as perspectivas da LDBEN/96 e principalmente dos PCN's.

Dessa maneira podemos concluir que enquanto professores e pesquisadores devemos compreender os currículos que norteiam nosso trabalho para que possamos adequá-lo a nossa realidade de ensino e consigamos atingir os objetivos inerentes a disciplina de História e a Educação como um todo, pois não é apenas teoria e prática, e sim iniciativa, perseverança e comprometimento.

O conjunto de ferramentas que nos apropriamos fazem valer o processo de ensino-aprendizagem, destacando sempre a busca por melhores metodologias, pois as práticas didáticas norteiam e alicerçam as aulas para que se consiga atingir os objetivos almejados.

A História enquanto conhecimento escolar tem um grande caminho a percorrer elaborando juntamente com outras disciplinas os saberes escolares e principalmente o entendimento sobre o real, para que isso se efetive é necessário que deixemos de lado o reprodutivismo dos materiais didáticos, pautando-se em uma postura investigativa, reflexiva e problematizadora acerca do conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, K. Currículos de história e políticas públicas: os programas de História na escola secundária. In.: BITTENCOURT, Circe. (Org); **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BITTENCOURT, CM. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2 Ed.: São Paulo-SP, Editora Cortez, 2008.
- BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História/ Secretária de educação fundamentação**- Brasília: MEC/SEF. 1998.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília : 1996.
- CERRI, LF. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- _____. Diretrizes Curriculares Estaduais – História: Legitimidade, autonomia docente e currículo oculto. In.: MOLINA, Ana Heloísa; outros (organizadores). **Ensino de História e educação: olhares em convergência**. Ponta Grossa: Editora UEPG, pp. 121- 134, 2012.
- _____. Construção Curricular como educação de professores – o caso das Diretrizes Curriculares Estaduais de História no Paraná. In.: CERRI, Luis Fernando (Org.). **Ensino de História e Educação: olhares em convergência**. Ponta Grossa: UEPG, pp. 27-43, 2007.
- FURET, F. O nascimento da história. In: **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, s/d, p. 12-16.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, nº 2, 1990, p. 177-229.
- DEWEY, J. **Vida e educação**. Tradução: Anísio Teixeira. (9 ed.) São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- FARIA, LMF, VIDAL, D et all. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação & Pesquisa**, vol. 30, n. 1, jan./abr., 2004.
- FONSECA, SG. **Didática e Prática de Ensino de História**. 7ed.: Campinas-SP. Papyrus Editora, p.15-89, 2008.

FONSECA, TNL. **História e Ensino de História**. 2ed.: Belo Horizonte-MG. Autêntica, p. 15-35, 2006.

_____; VEIGA, CG. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FORQUIM, Jean-Claude. **Saberes escolares: imperativos didáticos e dinâmicas sociais**. Teoria & Educação, Porto Alegre, nº 5, 1992, p. 28-49.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1979.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOODSON, IF. **O currículo em mudança: Estudos na construção social do currículo**. Lisboa, PT. Porto Editora. 2001.

GRECY, MG. **Traços do Ensino de História no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa-Pb**: depoimento [6 de dezembro, 2013]. Sousa: *Colégio Nossa Senhora Auxiliadora*. Entrevista concedida a HarlanneKrislenBelarmino Dantas.

GUSMÃO, EM. **Memórias de quem ensina História: cultura e identidade docente**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

HORN, Geraldo Balduino e GERMINARI, GeysaDongley. **O Ensino de História e seu Currículo- Teoria e Método**. 2Ed.: Petrópolis-RJ, Editora Vozes, p.15-59, 2006.

LOBO, IG; CRUZ, AIC. Reflexão sobre o Ensino de História em Cajazeiras. In.: CITADINO, Monique e GONÇALVES, Regina Célia. **Historiografia em Diversidade: Ensaio e Ensino de História**. 1 Ed.: Campina Grande-PB, Editora Universitária-UFCG, p. 81-98, 2008.

LOPES, A C; MACEDO, E. **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, Vol. 7, 2006.

LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. 13 ed. São Paulo: Nacional, 1981. MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História: entre saberes e práticas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MORAIS, CC. **História da Educação: ensino e pesquisa**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 176, 2006.

PIMENTA, SG. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In.: PIMENTA, Selma Garrido (org). **Saberes Pedagógicos e Atividades Docente**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

POPKEWITZ, TS. **Reforma educacional: uma política sociológica. Poder e conhecimento em educação.** Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REIS, M. **Efeito das reformas educacionais na formação e atuação de professores da área de ciências humanas.** In.: Espaço do Currículo, v.5, n. 1, pp. 278-286, 2012.

ROMANELLI, OO. **História da Educação no Brasil.** 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TOLEDO, MALT. História escolar e escrita da história: por uma historiografia do ensino de história. In.: MOLINA, Ana Heloísa; outros (organizadores). **Ensino de História e educação: olhares em convergência.** Ponta Grossa: Editora UEPG, pp. 225-247, 2012.

TORGA, Miguel. **Contos da montanha.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação.** 1 ed. São Paulo: Ática, p. 328, 2007.

<http://pt.slideshare.net/joaomaria/orientao-para-preenchimento-do-dirio-de-classe>. Acesso em 25 de março de 2014.

http://www.cnsaweb.com.br/novo/index_fco.php?page=pagina&id_pagina=35. Acesso em 26 jan. 2014.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
 UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
 AUXILIADORA, NA CIDADE DE SOUSA-PB

OBJETIVO: Analisar as transformações ocorridas no Ensino de História nos anos de
 1997 a 1999, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apreendendo até que tais
 mudanças se adequavam as políticas públicas ou à educação na nossa
 contemporaneidade.

HarlanneKrislenBelarmino Dantas¹, Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo²

ENTREVISTA ESTRUTURADA

Nesta entrevista, pretendemos realizar uma pesquisa, para a elaboração da
 história da Instituição supracitada, bem como, alguns traços do ensino de História na
 mesma.

IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A)

1- Nome: _____

¹Aluna do curso de Licenciatura em História, UACS/CFP/UFCG, Campus de Cajazeiras, PB. E-mail:
 hkrislen@hotmail.com

²Professor, Orientador UACS/CFP/UFCG

2- Idade: ____ anos

3- Cidade onde mora: _____

4- Cargo que ocupa no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora:

5- Como se deu a fundação da Escola? Quais pessoas estavam envolvidas?

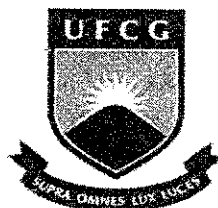
6- Desde a fundação se ensinava História?

7- Quem foram as primeiras professoras de História da instituição?

8- Como esta disciplina costumava ser transmitida aos alunos?

9- Após a instauração do Regime Militar no Brasil, houve alguma recomendação para a escola sobre o que os professores podiam ensinar nas aulas de História?

12- Qual o papel da instituição dentro da sociedade souse, desde a sua fundação até os dias atuais? Mudou alguma coisa ao longo dos 55 anos?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA, NA CIDADE DE SOUSA-PB

OBJETIVO: Analisar as transformações ocorridas no Ensino de História nos anos de 1997 a 1999, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apreendendo até que tais mudanças se adequavam as políticas públicas ou à educação na nossa contemporaneidade.

HarlanneKrislenBelarmino Dantas¹, Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo²

QUESTIONÁRIO: 1º Grupo

Neste grupo procuramos realizar uma pesquisa voltada para a identificação do profissional. Responder as questões de 1 a 19.

IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR

1- Sexo: () Feminino () Masculino

2- Idade: _____ anos

¹Aluna do curso de Licenciatura em História, UACS/CFP/UFCG, Campus de Cajazeiras, PB. E-mail: hkrislen@hotmail.com

²Professor, Orientador UACS/CFP/UFCG

3- Cidade onde mora: _____

4- Trabalha em mais de uma instituição de ensino? Quantas?

() Sim () Não

5- Há quanto tempo trabalha nas instituições?

6- Qual a modalidade que leciona?

Modalidade de Ensino	Nº de alunos
() Educação Infantil	
() Fundamental –I	
() Fundamental- II	
() EJA- Fundamental –I	
() EJA- Fundamental- II	

7- Formação acadêmica: (Caso marque a opção pós graduação, responder a questão 9)

- () Ensino Médio/ Técnico
 () Ensino Superior Incompleto
 () Ensino Superior Completo
 () Pós-Graduação

8- Instituição, na qual realizou o curso de graduação. Qual o ano da formação?

9- Qual a pós-graduação realizada? Em que ano aconteceu?

10- Costuma participar de cursos, para se manter atualizado(a)? Cite algum.

11- Possui mais de uma graduação no currículo?

() Sim () Não

Se sim, qual? _____

12- Desempenhou alguma atividade antes de atuar como professora de História?

13- Carga horária semanal:

-Turnos em que trabalha? () Manhã () Tarde () Noite

_____ horas de aula de História

_____ horas de aula em outra disciplina. Quais e em que séries?

14- Faixa salarial, levando em consideração o salário mínimo (R\$ 678,00):

() De 1 a 2 salários mínimos () De 2 a 3 salários mínimos

() De 4 a 5 salários mínimos () De 5 a 7 salários mínimos () Mais de 7 salários

15- Professor(a), você está satisfeito(a) com o seu salário?

() Sim () Não

16- É sindicalizado(a)? () Sim () Não

17- Você considera o trabalho do professor importante? Por quê?

18- Em algum momento você cogitou a possibilidade de trocar de profissão? Por quê?

19- Professora, como a senhora avalia a educação brasileira?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA, NA CIDADE DE SOUSA-PB

OBJETIVO: Analisar as transformações ocorridas no Ensino de História nos anos de
1997 a 1999, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apreendendo até que tais
mudanças se adequavam as políticas públicas ou à educação na nossa
contemporaneidade.

HarlanneKrislenBelarmino Dantas¹, Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo²

QUESTIONÁRIO: 2º grupo

¹Aluna do Curso de Licenciatura em História, UACS/CFP/UFCG, Campus Cajazeiras, PB. E-mail:
hkrislen@hotmail.com

²Professor, Orientador UACS/CFP/UFCG

Neste grupo procuramos realizar uma pesquisa voltada para a relação do professor com o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o ensino de História. Responder as questões de 1 a 21.

- SOBRE A CONCEPÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA

1- Qual o ano de admissão no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora?

2- Havia alguma relação com a Escola antes da sua admissão? Qual?

3- O que lhe motivou a buscar uma vaga nesta instituição de ensino?

4- No final da década de 1990, o Brasil, presenciou mudanças significativas, no que diz respeito à educação. Você acredita que a escola seguiu estas transformações? De que maneira?

5- Você enquanto professora, considera importante a prática do planejamento? Por quê?

6- Costuma planejar suas aulas? O que mudou na sua forma de planejar de 1997 para os dias atuais? (Caso tenha havido mudanças, responder a questão 7, se não pular para a questão 8.)

7- As mudanças ocorridas levaram em consideração a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais?

8- Qual a sua concepção sobre o ensinar e o aprender?

9- Como costumava conduzir suas aulas no final da década de 1990?

10- Costumava utilizar algum material além do livro didático, durante o mesmo período citado na questão anterior? Qual ou quais?

11- Como era sua relação com os alunos no final da década de 1990?

12- Em sua opinião, qual é a função dos docentes nas escolas? E a função do profissional em História?

13- Considerando os anos de 1997-1998-1999, você considera que houve transformações significativas no Ensino de História, dentro da escola?

14- Houve alguma relação das mudanças ocorridas, com os PCN's e a Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1996? Quais seriam?

15- Neste mesmo período de transformações curriculares, durante as reuniões de departamento, como costumavam tratar o ensinar História?

16- O ensino de História na instituição desempenhava algum papel para a formação dos cidadãos? De que maneira isso acontecia?

17- Você considera a disciplina de História importante para uma formação de identidade, seja ela individual ou coletiva, nos alunos?

18- De acordo com os gráficos do rendimento dos alunos na disciplina de História, há alguma relação dos resultados com as práticas metodológicas em sala de aula?

- Observação: Só responda as próximas questões, se caso tenha sido a coordenadora de departamento durante algum desses anos: 1997-1998-1999.

19- Como eram conduzidas as reuniões de departamento da disciplina de História?

20- Após a elaboração dos PCN's e da LDB-96, esses documentos costumavam ser utilizados durante as reuniões de departamento?

21- Houve alguma alteração nas práticas pedagógicas nas aulas de história, considerando os objetivos colocados pelos PCN's?

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Barlanne Krislen Belarmino Dantas portador (a) do RG 2795187 - RN e CPF 084 - 331 - 554 - 74, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 10 / 11 / 2013, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Cajazeiras, PB, 10 de novembro 2013.

Assinatura: 

Nome: Maria do Socorro Costa Maia

End.: Rua Nestor José Darmento +29

CPF: 343055346-06

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Markanne Krislen Belarmino Dantas portador (a) do RG 2795187 - RN e CPF 084.331.554.74, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 10 / 11 / 2013, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Cajazeiras, PB, 10 de novembro 2013.

Assinatura: Maria de Fátima Manguieira Peixoto

Nome: MARIA DE FÁTIMA MANGUEIRA PEIXOTO

End.: Rua Joaquim Pinto Neto, 48

CPF: 185.929.534-72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA, NA CIDADE DE SOUSA-PB

OBJETIVO: Analisar as transformações ocorridas no Ensino de História nos anos de
1997 a 1999, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apreendendo até que tais
mudanças se adequavam as políticas públicas ou à educação na nossa
contemporaneidade.

Harlanne Krislen Belarmino Dantas¹, Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo²

ENTREVISTA ESTRUTURADA

Nesta entrevista, pretendemos realizar uma pesquisa, para a elaboração da
história da Instituição supracitada, bem como, alguns traços do ensino de História na
mesma.

IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A)

- 1- Nome: Marília Gonçalves Greey (Mãe Curie)
2- Idade: 79 anos
3- Cidade onde mora: Sousa - PB

¹Aluna do curso de Licenciatura em História, UACS/CFP/UFPA, Campus de Cajazeiras, PB. E-mail:
lkristen@hotmail.com

²Professor, Orientador UACS/CFP/UFPA

4- Cargo que ocupa no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora:

Até o dia 31/1/2013, fui diretora do CNSA. Hoje, estou aguardando o novo comando da Congregação Religiosa a que pertence.

5- Como se deu a fundação da Escola? Quais pessoas estavam envolvidas?

O Colégio N.ª Auxiliadora, sendo dirigido por Religiosas (católicas), não nasceu para fins de sobrevivência financeira ou com objetivo lucrativo por parte das Irmãs que o dirigem, desde o dia 23 de março do ano 1958. Desde sua origem, constituiu-se como Instituição de fins filantrópicos e dentro desse espírito vem promovendo uma educação de qualidade, com muita aceitação e respeito ao meio social em que é implantado e até nas cidades vizinhas.

A fundação do CNSA foi inspirada por um grupo de senhoras cristãs, professoras, que desejavam que, em Sousa, a exemplo de Cajazeiras, houvesse um Colégio dirigido por Religiosas. Conversaram com o Padre João Cartaxo, vigário recém chegado em Sousa, suplicando a este o enfrentamento dessa luta, por fundação de uma Escola Religiosa em Sousa. Padre João aderiu à ideia e, recebendo o apoio do Senhor Bispo Diocesano, D. Kacariano Rolim de Moura, dirigiu-se a Crato - Ce, sede da Congregação das Filhas de Sta. Teresa de Jesus, com o objetivo de conseguir a realização desse grande sonho dos sousenses. A diretora geral, Madre Teresa Machado, por uma certa dificuldade, considerando a escassez de religiosas disponíveis. Mas comprometeu-se em vir a Sousa conhecer a cidade e seu povo. A visita foi muito eficaz, pois a Madre ficou contagiada pelo interesse e disponibilidade dos sousenses que a receberam. Mediante o que viu, disse "Sim", o Colégio será fundado em Sousa. Com a alegria geral da comunidade educativa, o trabalho de restauração do prédio foi logo encaminhado, tendo à frente o Padre João Cartaxo, o Dr. Remus Abrantes, as professoras: Dona Benêdice e D. Marcia Cartaxo. A equipe contou com o apoio financeiro do governador em exercício, Dr. Pedro Melo Gondim e Jassim, no dia 23/03/1958, o Colégio iniciava suas atividades educativas, sob a orientação das Irmãs: Inacema Barros, Socorro Holanda, Tereza, Linhares e Nóbrega.

6- Desde a fundação se ensinava História?

Sim. História é uma disciplina que compõe o currículo escolar, desde que o ensino foi estruturado no Brasil. Sabemos que o conteúdo dessa disciplina é muito amplo, tendo diversas ramificações e é muito útil para a formação científica e cultural para o jovem aprendiz. Então, o CNPq não podia eximir-se de sua responsabilidade no bom ensino de História.

7- Quem foram as primeiras professoras de História da instituição?

Imã Tronçeira - Formada pela Faculdade de História de Cajazeiras; Olívia Moreira, M^{te} do Socorro Costa, Raquelene Silveira, M^{te} de Fátima Mangueira,

8- Como esta disciplina costumava ser transmitida aos alunos?

Cheguei ao CNPq quando ele já contava com sete anos de existência. Então o meu testemunho vai a partir desse tempo para cá. Primeiro, quero dizer que os professores de história e de outras disciplinas, no início, quase sempre não eram portadores de Curso Superior, já que não havia Universidade na região. A partir da década de 70, com a abertura da Faculdade de História em Cajazeiras, tudo começou a melhorar. Por outro lado, quero destacar que o CNPq sempre exigiu livros didáticos dos seus alunos, para que o conhecimento não ficasse tão superficial, mas era um ensino pouco criativo e mais lésico.

9- Após a instauração do Regime Militar no Brasil, houve alguma recomendação para a escola sobre o que os professores podiam ensinar nas aulas de História?

10- Ainda durante o período da Ditadura, como a escola se preparou para conciliar as exigências do governo militar diante dos parâmetros de educação e a doutrina seguida pela instituição?

11- Durante o período de “redemocratização” do Brasil, a escola também seredemocratizou?

12- Qual o papel da instituição dentro da sociedade sousense, desde a sua fundação até os dias atuais? Mudou alguma coisa ao longo dos 55 anos?

Um Colégio mantido por uma Congregação. Religiosa, em geral, tem duas posturas que parecem opostas, mas que são complementares. É a postura da conservação dos valores éticos, embora possam ser tradicionais. É a postura de abertura aos novos valores, oferecidos pela modernidade, que, apesar do seu relativismo natural, traz no seu bojo valores indispensáveis à plenitude da vida, como respeito à individualidade e à diversidade; a busca da essência e não das aparências; a justiça social como condição de sobrevivência humana; trabalhar a educação pelos atos do diálogo e não do autoritarismo, etc.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA, NA CIDADE DE SOUSA-PB

OBJETIVO: Analisar as transformações ocorridas no Ensino de História nos anos de 1997 a 1999, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apreendendo até que tais mudanças se adequavam as políticas públicas ou à educação na nossa contemporaneidade.

HarlanneKrislenBelarmino Dantas¹, Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo²

QUESTIONÁRIO: 1º Grupo

Neste grupo procuramos realizar uma pesquisa voltada para a identificação do profissional. Responder as questões de 1 a 19.

IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR

1- Sexo: Feminino () Masculino

2- Idade: 58 anos

3- Cidade onde mora: Souza - Pb

4- Trabalha em mais de uma instituição de ensino? Quantas?
Dois

¹Aluna do curso de Licenciatura em História, UACS/CFP/UFCCG, Campus de Cajazeiras, PB. E-mail: hkrislen@hotmail.com

²Professor, Orientador UACS/CFP/UFCCG

Sim () Não

5- Há quanto tempo trabalha nas instituições?

Entre 27 e 30 anos.

6- Qual a modalidade que leciona?

Modalidade de Ensino	Nº de alunos
<input checked="" type="checkbox"/> Educação Infantil	
<input type="checkbox"/> Fundamental -I	
<input checked="" type="checkbox"/> Fundamental- II	
<input type="checkbox"/> EJA- Fundamental -I	
<input type="checkbox"/> EJA- Fundamental- II	

7- Formação acadêmica: (Caso marque a opção pós graduação, responder a questão 9)

- Ensino Médio/ Técnico
 Ensino Superior Incompleto
 Ensino Superior Completo
 Pós-Graduação

8- Instituição, na qual realizou o curso de graduação. Qual o ano da formação?

UFCCG - 1985

9- Qual a pós-graduação realizada? Em que ano aconteceu?

10- Costuma participar de cursos, para se manter atualizado(a)? Cite algum.

- jornadas educativas

11- Possui mais de uma graduação no currículo?

Sim Não

Se sim, qual? _____

12- Desempenhou alguma atividade antes de atuar como professora de História?

Professora de Ensino Fundamental (3º ano)

13- Carga horária semanal:

-Turnos em que trabalha? () Manhã (X) Tarde () Noite

20 horas de aula de História

 horas de aula em outra disciplina. Quais e em que séries?

14- Faixa salarial, levando em consideração o salário mínimo (R\$ 678,00):

(X) De 1 a 2 salários mínimos () De 2 a 3 salários mínimos

() De 4 a 5 salários mínimos () De 5 a 7 salários mínimos () Mais de 7 salários

15- Professor(a), você está satisfeito(a) com o seu salário?

() Sim (X) Não

16- É sindicalizado(a)? () Sim (X) Não

17- Você considera o trabalho do professor importante? Por quê?

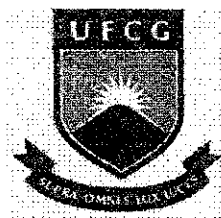
Sim. Acredito muito na educação. E o
professor tem um papel muito importante
na formação dessa geração futura.

18- Em algum momento você cogitou a possibilidade de trocar de profissão? Por quê?

Nunca. Se tivesse que começar agora, co-
mencaria como PROFESSORA.

19- Professora, como a senhora avalia a educação brasileira?

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA, NA CIDADE DE SOUSA-PB

OBJETIVO: Analisar as transformações ocorridas no Ensino de História nos anos de
1997 a 1999, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apreendendo até que tais
mudanças se adequavam as políticas públicas ou à educação na nossa
contemporaneidade.

HarlanneKrislenBelarmino Dantas¹, Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo²

QUESTIONÁRIO: 2º grupo

Neste grupo procuramos realizar uma pesquisa voltada para a relação do professor com o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o ensino de História. Responder as questões de 1 a 21.

- SOBRE A CONCEPÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA

¹Aluna do Curso de Licenciatura em História, UACS/CFP/UFCG, Campus Cajazeiras, PB. E-mail: hkrislen@hotmail.com

²Professor, Orientador UACS/CFP/UFCG

1- Qual o ano de admissão no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora?

Fui admitida em 1978.

2- Havia alguma relação com a Escola antes da sua admissão? Qual?

Sim. Porque fui aluna do curso Pedagógico e de acordo com a minha participação nas atividades realizadas na Escola, recebi o convite para trabalhar.

3- O que lhe motivou a buscar uma vaga nesta instituição de ensino?

Tinha grande admiração a todas as irmãs "Irmãs de Santa Tereza de Jesus", me encantei pela filosofia da congregação e pela qualidade de ensino da escola.

4- No final da década de 1990, o Brasil, presenciou mudanças significativas, no que diz respeito à educação. Você acredita que a escola seguiu estas transformações? De que maneira?

Com certeza. A Escola sempre procurou acompanhar junto as transformações que traziam e trazer benefícios principalmente aos educando, no que diz respeito as inovações tecnológicas. A Escola é pioneira na instalação de laboratórios de informática, matemática, química, física, etc. Com sala de multimídia.

5- Você enquanto professora, considera importante a prática do planejamento? Por quê?

Sim. Por mais experiência que se tenha é impossível o professor ir a sala de aula sem planejamento.

6- Costuma planejar suas aulas? O que mudou na sua forma de planejar de 1997 para os dias atuais? (Caso tenha havido mudanças, responder a questão 7, se não pular para a questão 8.)

Sim. A preocupação maior foi inserir os conteúdos mais significativos para o aluno e sua participação nas aulas.

7- As mudanças ocorridas levaram em consideração a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais?

Com certeza.

8- Qual a sua concepção sobre o ensinar e o aprender?

O professor é um eterno aprendiz. O aprender não é só do aluno. O professor está em constante busca do novo. Não existe o ensinar sem o aprender.

9- Como costumava conduzir suas aulas no final da década de 1990?

Como sempre fui professor de História Contemporânea, tornei-me mais próximo o conteúdo e o aluno, através de pesquisas, entrevistas, análise de objetos de épocas, uso de jornais, revistas, etc.

10- Costumava utilizar algum material além do livro didático, durante o mesmo período citado na questão anterior? Qual ou quais?

Já respondi na anterior.

11- Como era sua relação com os alunos no final da década de 1990?

Existia um bom relacionamento. Mas já se via surgir uma ondazinha de rebeldia...

12- Em sua opinião, qual é a função dos docentes nas escolas? E a função do profissional em História?

A função do professor está além do ministrado conteúdo. Acima de tudo está a formação de uma pessoa.

Quanto ao profissional de História cabe ao mesmo conduzir os educandos a reconhecerem suas relações sociais, econômicas, políticas e culturais no presente e no passado.

13- Considerando os anos de 1997-1998-1999, você considera que houve transformações significativas no Ensino de História, dentro da escola?

Acredito que sim. Até mesmo a interdisciplinariedade com as demais áreas do conhecimento

14- Houve alguma relação das mudanças ocorridas, com os PCN's e a Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1996? Quais seriam?

Em parte.

15- Neste mesmo período de transformações curriculares, durante as reuniões de departamento, como costumavam tratar o ensinar História?

Uma disciplina não decorativa, mas que pudesse ajudar na formação de cidadãos conscientes do seu presente, passado e futuro.

16- O ensino de História na instituição desempenhava algum papel para a formação dos cidadãos? De que maneira isso acontecia?

Stavia sendo preocupado em relação aos conteúdos mais significativos para os alunos.

17- Você considera a disciplina de História importante para uma formação de identidade, seja ela individual ou coletiva, nos alunos?

Sim.

18- De acordo com os gráficos do rendimento dos alunos na disciplina de História, há alguma relação dos resultados com as práticas metodológicas em sala de aula?

Isso é notório. Tem melhorado significativamente o resultado dos alunos na disciplina, tendo em vista o uso dos mais variados meios que a mídia oferece.

➤ Observação: Só responda as próximas questões, se caso tenha sido a coordenadora de departamento durante algum desses anos: 1997-1998-1999.

19- Como eram conduzidas as reuniões de departamento da disciplina de História?

Sempre se fazia uma avaliação da disciplina por série. E após as conclusões se planejava de forma que pudesse superar uma ou outra dificuldade.

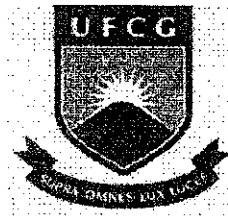
Shavia sempre a preocupação com a formação do professor e por isso tinhamos sempre um teste pl se ler na reunião.

20- Após a elaboração dos PCN's e da LDB-96, esses documentos costumavam ser utilizados durante as reuniões de departamento?

Não com muita frequência. Mas eu fiz um curso para estudo dos PCNs e isto facilitou o trabalho no departamento.

21- Houve alguma alteração nas práticas pedagógicas nas aulas de história, considerando os objetivos colocados pelos PCN's?

*Demorou um certo tempo mas conseguimos
melhorar nas práticas pedagógicas...*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA, NA CIDADE DE SOUSA-PB

OBJETIVO: Analisar as transformações ocorridas no Ensino de História nos anos de 1997 a 1999, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apreendendo até que tais mudanças se adequavam as políticas públicas ou à educação na nossa contemporaneidade.

Harlanne Krislen Belarmino Dantas¹, Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo²

QUESTIONÁRIO: 1º Grupo

Neste grupo procuramos realizar uma pesquisa voltada para a identificação do profissional. Responder as questões de 1 a 19.

IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR

1- Sexo: Feminino () Masculino

2- Idade: 51 anos

3- Cidade onde mora: Sousa

4- Trabalha em mais de uma instituição de ensino? Quantas?

Sim, 2 instituições

¹Aluna do curso de Licenciatura em História. UACS/CFP/UFCG, Campus de Cajazeiras, PB. E-mail: hkrislen@hotmail.com

²Professor, Orientador UACS/CFP/UFCG

Sim () Não

5- Há quanto tempo trabalha nas instituições?

No CNEA - há 22 anos e no Estado - 25 anos

6- Qual a modalidade que leciona?

Modalidade de Ensino	Nº de alunos
<input type="checkbox"/> Educação Infantil	
<input checked="" type="checkbox"/> Fundamental -I	20
<input checked="" type="checkbox"/> Fundamental- II	160 + 4 turnos
<input type="checkbox"/> EJA- Fundamental -I	
<input type="checkbox"/> EJA- Fundamental- II	

7- Formação acadêmica: (Caso marque a opção pós graduação, responder a questão 9)

- Ensino Médio/ Técnico
 Ensino Superior Incompleto
 Ensino Superior Completo
 Pós-Graduação

8- Instituição, na qual realizou o curso de graduação. Qual o ano da formação?

UFPA

9- Qual a pós-graduação realizada? Em que ano aconteceu?

10- Costuma participar de cursos, para se manter atualizado(a)? Cite algum.

Dim. Agora estou participando de PNAIC

11- Possui mais de uma graduação no currículo?

Sim () Não

Se sim, qual?

12- Desempenhou alguma atividade antes de atuar como professora de História?

Não.

13- Carga horária semanal:

-Turnos em que trabalha? Manhã Tarde () Noite

_____ horas de aula de História (8 aulas)

_____ horas de aula em outra disciplina. Quais e em que séries? (8 aulas de Filosofia,
no 2º Ano.

14- Faixa salarial, levando em consideração o salário mínimo (R\$ 678,00):

() De 1 a 2 salários mínimos De 2 a 3 salários mínimos

() De 4 a 5 salários mínimos () De 5 a 7 salários mínimos () Mais de 7 salários

15- Professor(a), você está satisfeito(a) com o seu salário?

() Sim Não

16- É sindicalizado(a)? Sim () Não

17- Você considera o trabalho do professor importante? Por quê?

Com certeza. O professor continuará tendo a
sua importância no cenário da educação
brasileira. Ele é o profissional do futuro.

18- Em algum momento você cogitou a possibilidade de trocar de profissão? Por quê?

Não. Porque eu escolhi e acreditei nesta pro-
fissão. Me sinto feliz e realizada com
esta escolha.

19- Professora, como a senhora avalia a educação brasileira?

Infelizmente a educação brasileira ain-
da tem muito a conquistar. O Brasil
precisa reconhecer que é através da edu-
cação que o país pode mostrar a sua
verdadeira cara e ao povo com alta
qualidade de vida.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: TRAÇOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
AUXILIADORA, NA CIDADE DE SOUSA-PB

OBJETIVO: Analisar as transformações ocorridas no Ensino de História nos anos de 1997 a 1999, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, apreendendo até que tais mudanças se adequavam as políticas públicas ou à educação na nossa contemporaneidade.

HarlanneKrislenBelarmino Dantas¹, Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo²

QUESTIONÁRIO: 2º grupo

Neste grupo procuramos realizar uma pesquisa voltada para a relação do professor com o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o ensino de História. Responder as questões de 1 a 21.

- SOBRE A CONCEPÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA

¹Aluna do Curso de Licenciatura em História, UACS/CFP/UFCG, Campus Cajazeiras, PB. E-mail: hkrislen@hotmail.com

²Professor, Orientador UACS/CFP/UFCG

1- Qual o ano de admissão no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora?

1982

2- Havia alguma relação com a Escola antes da sua admissão? Qual?

Sim. Foi aluna desta escola por 8 anos. Neste educandário aprendi a administrar a sua organização, o empenho de seu corpo docente.

3- O que lhe motivou a buscar uma vaga nesta instituição de ensino?

Tudo que encontrei nesta instituição me motivou a ficar aqui. A sua estrutura disciplinar, o amor dos profissionais, o relacionamento de amizade, o apoio, a metodologia aplicada, o desempenho dos professores, etc.

4- No final da década de 1990, o Brasil, presenciou mudanças significativas, no que diz respeito à educação. Você acredita que a escola seguiu estas transformações? De que maneira?

Sim. Esta escola sempre primou por oferecer uma educação de qualidade aos seus alunos e conseqüentemente tudo isso tem ligação com mudanças que venham aperfeiçoar cada vez mais o conhecimento do corpo docente.

5- Você enquanto professora, considera importante a prática do planejamento? Por quê?

Sim. O planejamento é um companheiro permanente do bom desenvolvimento e de uma boa aula do professor. Quando você planeja, você está se propondo a se melhorar e se sentir mais segura para passar seu conhecimento aos alunos e disposta aprender também.

6- Costuma planejar suas aulas? O que mudou na sua forma de planejar de 1997 para os dias atuais? (Caso tenha havido mudanças, responder a questão 7, se não pular para a questão 8.)

Sim. Acho que ocorreram grandes mudanças especialmente pela contribuição tecnológica que estamos recebendo e que é mais um instrumento de melhoria para as nossas aulas.

7- As mudanças ocorridas levaram em consideração a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais?

Claro. Os PCNs nos levaram a pensar e agir de maneira diferente.

8- Qual a sua concepção sobre o ensinar e o aprender?

Eu acho que quem ensina aprende e quem aprende também ensina. Ensinar e aprender caminham juntos, não existe aquele que sabe mais ou aquele que sabe menos, mas aqueles que estão eternamente querendo aprender.

9- Como costumava conduzir suas aulas no final da década de 1990?

Buscava conduzir sempre pensando e agindo de uma forma em que o aluno se sentisse bem na aula.

10- Costumava utilizar algum material além do livro didático, durante o mesmo período citado na questão anterior? Qual ou quais?

Sim. O livro não deve ser o único instrumento na busca do conhecimento. Costumávamos utilizar paradidáticos, dramatizações, mini-aulas.

11- Como era sua relação com os alunos no final da década de 1990?

Eu sempre procurei ter um bom relacionamento com os alunos. A boa convivência ajuda na melhoria da aprendizagem.

12- Em sua opinião, qual é a função dos docentes nas escolas? E a função do profissional em História?

A função dos docentes é estar sempre querendo aprender e compreender o aluno. A função do profissional em História é mostrar que a história é parte de nossa vida, pois todos nós somos frutos de um passado, presente e buscando um futuro.

13- Considerando os anos de 1997-1998-1999, você considera que houve transformações significativas no Ensino de História, dentro da escola?

Sim. O tempo não para, e seu constante movimento traz mudanças e o ensino de História acompanhou essas mudanças que só veio somar o ato de ensinar de uma forma melhor e mais significativa.

14- Houve alguma relação das mudanças ocorridas, com os PCN's e a Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1996? Quais seriam?

Sim. Um olhar mais profundo no conhecimento do aluno observando-o como um todo.

15- Neste mesmo período de transformações curriculares, durante as reuniões de departamento, como costumavam tratar o ensinar História?

Trabalhar com essa disciplina sempre me motivou a tratá-la como uma ciência da vida e que ela completa as outras disciplinas.

16- O ensino de História na instituição desempenhava algum papel para a formação dos cidadãos? De que maneira isso acontecia?

Com certeza. Nós buscávamos dá oportunidade aos alunos de criticar, opinar e expressar seus pensamentos com liberdade.

17- Você considera a disciplina de História importante para uma formação de identidade, seja ela individual ou coletiva, nos alunos?

Sim. Pois esta disciplina oportuniza os alunos a falarem sobre diversos assuntos e está sempre atualizada.

18- De acordo com os gráficos do rendimento dos alunos na disciplina de História, há alguma relação dos resultados com as práticas metodológicas em sala de aula?

Sim. De buscamos ^{aplicar} boas práticas metodológicas podemos obter bons resultados nesta disciplina.

➤ Observação: Só responda as próximas questões, se caso tenha sido a coordenadora de departamento durante algum desses anos: 1997-1998-1999.

19- Como eram conduzidas as reuniões de departamento da disciplina de História?

20- Após a elaboração dos PCN's e da LDB-96, esses documentos costumavam ser utilizados durante as reuniões de departamento?

21- Houve alguma alteração nas práticas pedagógicas nas aulas de história, considerando os objetivos colocados pelos PCN's?

6º Série

10 BIMESTRE 12/02 a 18/04 1992

MATÉRIA LECIONADA

MESES BIMESTRAL	DIAS	RESUMO	DIAS	RESUMO
05	12/02	Técnica para conhecimento da turma.	05	Aplicação do assunto: O Abdi- cácio de D. Pedro I.
05		• Doméstica Informal	05	• Atividade do assunto: A Regência e a organização do Poder. (Cap. 3)
05			05	
05			05	
05	18/02	• Questionamento	05	Atividade do assunto: A Regência e a organização do poder.
05		• Correção e Comentário	05	
05			05	
05			05	
05	24/02	• Atividade referente ao assunto	05	• Atividade do assunto: A Regência e a organização do poder.
05		• Correção e Comentário	05	
05			05	
05			05	
05	23/02	• Natureza do assunto: Da in- dependência a Constituição de 1884. (Cap. 1)	05	• Atividade do assunto: A Reg. Uma de São e Reg. de União Lima.
05		• Aplicação da 1ª parte: A in- dependência brasileira.	05	
05			05	
05			05	
05	02/03	• Continuação da explicação sobre: A Independência Brasileira.	05	• Atividade do assunto: A Reg. Uma de São e Reg. de União Lima.
05		• Atividade.	05	
05			05	
05			05	
05	04/03	• Correção da Atividade sobre: Independência Brasileira.	05	• Atividade do assunto: A Reg. Uma de São e Reg. de União Lima.
05		• Atividade sobre: Uma Consti- tuição para o Brasil.	05	
05			05	
05			05	
05	10/03	• Correção da Atividade sobre: Uma Constituição para o Brasil	05	• Atividade do assunto: A Reg. Uma de São e Reg. de União Lima.
05		• Comentário.	05	
05			05	
05			05	
05	11/03	• Atividade do assunto: Da Confe- deração do Equador a Abdi- cácio de D. Pedro I. (Cap. 8)	05	• Atividade do assunto: A Reg. Uma de São e Reg. de União Lima.
05			05	
05			05	
05	12/03	• Atividade sobre: A Confedera- ção do Equador e a Guerra Cisplatina.	05	
05			05	
05			05	
05	18/03	• Continuação da Atividade so- bre: A Confederação do Equador e a Guerra Cisplatina.	05	
05			05	
05			05	
05	24/03	• Correção da Atividade sobre: A Confederação do Equador e a Guerra Cisplatina.	05	
05			05	
05			05	

Maria do Socorro Costa Figueira

05/18/04/92

18 aulas

2º BIMESTRE 22/04 a 22/06 1992

MATÉRIA LECIONADA

Medida Recuperação	Medida Bimestral	DIAS	RESUMO	DIAS	RESUMO
		20/04	• Definição do assunto: O dogma político do Segundo Reinado (cap. 5)	02/06	• Definição da atividade e con- nunciação da explicação do as- to: Os transformações socio- econômicas.
		20/04	• Atividade.		
		23/04	• Explicação do assunto e corre- ção da atividade sobre: O do- gma político do Segundo Reinado	03/06	• Definição da atividade. • Definição do assunto: A Aboli- ção da Escravidão e queda da Mi- narquia
		25/04	• Continuação da atividade cor- reção: O dogma político do Segundo Reinado.	04/06	• Atividade referente ao assun- to: Abolição da Escravidão e queda da Monarquia
		29/04	• Continuação da atividade cor- reção: O dogma político do Segundo Reinado.	04/06	• Atividade referente ao assun- to: Abolição da Escravidão e queda da Monarquia
		30/04	• Definição da atividade e explica- ção do assunto: O dogma político do Segundo Reinado.	10/06	• Definição do assunto: A Aboli- ção da Escravidão • Atividade do livro.
		30/04	• Atividade complementar.		
		05/05	• Continuação da atividade cor- reção complementar.	10/06	• Continuação da explicação de assunto: A queda da Monar- quia e o nascimento da Rep- blica.
		08/05	• Definição da atividade comple- mentar referente ao cap. 5.		• Atividade do livro.
		08/05	• Definição do assunto: O políti- ca externa do Segundo Reinado (cap. 6)	12/06	• Definição da atividade sobre: Abolição da Escravidão e queda da Monarquia
		09/05	• Trabalho em grupo sobre: O políti- ca externa do Segundo Reinado.	12/06	• Atividade de revisão.
		13/05	• Continuação do trabalho em gru- po sobre: O política externa do Segundo Reinado.		
		20/05	• Entrega dos trabalhos sobre o (cap. 6)		
		20/05	• Definição do assunto: Os trans- formações socio-econômicas (cap. 7)		
		20/05	• Atividade referente ao assunto: Os trans- formações socio-econômicas.		
		22/05	• Definição e correção da ativi- dade sobre o assunto: Os trans- formações socio-econômicas.		
		22/05	• Atividade do livro.		
					Maria do Socorro Costa Figueiredo em 30/06/92
					48 aulas.

3º BIMESTRE 16/02 a 20/09 1992

MATÉRIA LECIONADA

DIAS	RESUMO	DIAS	RESUMO
180 20 25 40 50	21/02 • Assunto: A Instalação e Consolidação da República. (Cap. 9) • Livro • Atividade.	01/09	• Direção da atividade de revisão. • Rótula do assunto: Revolta na República Velha. (Cap. 11).
50 80 40 25 85	22/02 • Exercício da Atividade e explicação do assunto: A Instalação e Consolidação da República. • Atividade do livro	02/09	• Filme: Cidadania • Comentário • Atividade
50 20 85 50 25	23/02 • Continuação da explicação do assunto: A Instalação e Consolidação da República. • Atividade do livro.	03/09	• Direção da atividade sobre o filme. • Atividade do assunto: Revolta na rep. Velha.
25 45 90 80	29/02 • Explicação do assunto: O Governo de Pedroso e Iluminismo Aberto. • Atividade do livro	15/09	• Continuação da atividade sobre Revolta na República Velha.
25 25 45 50	01/03 • Direção da atividade do filme. • Exercício Complementar.		
50 50 45 25	03/03 • Direção da atividade complementar. • Trabalho em grupo sobre o assunto: A República Velha. (Cap. 10)		
35 55 50	12/03 • Explicação do assunto: A República Velha.		
35 45 80 20 30	18/03 • Continuação da explicação do assunto: A República Velha. • Atividade.		
35 55	19/03 • Direção da atividade e explicação do assunto: Indústria e Movimento operário. • Atividade.		
20/03	• Direção da atividade do livro. • Atividade de revisão (Cap. 10)		
20/03	• Continuação da atividade de revisão.		

Maria de Fátima Costa Siqueira
 Dm 15/09/1992
 15 aulas.

4º BIMESTRE 28.09 a 25/11 1992

MATÉRIA LECIONADA

DIAS	RESUMO	DIAS	RESUMO
25/09	Atividade sobre: Revoltas na República Velha.	28/10	• Aplicação do assunto: O Governo Dutra. • Atividade complementar.
25/09	• Continuação do assunto: O Período Getulista. (cap. 12).	28/11	• Apresentação do trabalho da 2ª equipe sobre os governos: Getúlio, Juscelino, Plínio Goulart e João Goulart. • Atividade.
25/09	Atividade referente ao cap. 12. O Período Getulista.		
25/09	• Correção da atividade.	24/11	• Continuação da apresentação do trabalho sobre os governos Castelo Branco, Costa e Médici. • Atividade.
25/09	• Continuação do assunto: O Período de 1929 a 3ª Revolução de 1930.		
25/09	• Atividade sobre o Governo Provisório.	24/11	• Apresentação do trabalho sobre governos Getúlio, Juscelino e o Plano econômico. • Atividade.
25/09	• Correção da atividade sobre o Governo Provisório e explicações.	24/11	• Apresentação do trabalho do assunto: O fim da ditadura militar e o Gov. José Sarney. • Atividade.
25/09	• Atividade sobre o Governo Constitucional.		
25/09	• Correção e explicação do assunto: O Governo Constitucional.	24/11	• Apresentação do trabalho sobre o assunto: Governos: Collor, Faria, e Fernando Henrique. • Atividade.
25/09	• Continuação da explicação sobre o Governo Constitucional.		
25/09	• Atividade sobre o Governo Ditatorial.	24/11	• Correção da atividade referente aos trabalhos apresentados.
25/09	• Correção e explicação do assunto: O Governo Ditatorial até o nacionalismo e trabalhismo.	24/11	• Atividade de revisão dos capítulos 12 e 13.
25/09	• Continuação da atividade e explicação do assunto: Fim do Estado Novo.	25/11	• Correção da atividade de revisão. • Avaliação Bimestral.
25/09	• Continuação do assunto: O Período Democrático. (cap. 13).		
25/09	• Aplicação do assunto: A Constituição de 1946.		
25/09	• Atividade sobre o Governo Dutra.		

Maria de Fátima Costa Rigueiredo
Em 25/11/92

20 aulas.

6º Série

BIMESTRE De: 12 / 02 a 25 / 04 1998

MATÉRIA LECIONADA

Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
01/02	• Técnica do Gênero, para	18/04	• Domínio da Atividade sobre a
02/02	conhecimento da turma	18/04	economia agropastoril.
03/02	• Conversa sobre a disciplina		• Exercício de fixação sobre o cap 2
04/02	na e as exigências referente	20/04	• Continuação do exercício de fixa-
05/02	às aulas e às normas do	20/04	ção sobre o cap 2
06/02	colégio.		• Domínio.
07/02	• Questionamento	25/04	• Continuação da conversação do
08/02	• Síntese sobre: Roma	25/04	exercício de fixação.
09/02	• Aplicação e atividade.		
10/02			
11/02			
12/02	• Domínio da atividade sobre		
13/02	Roma.		
14/02	• Estudo do cap. 1 Roma: con-		
15/02	dição da Europa Medieval.		
16/02	• A Decadência de Roma.		
17/02	• Aplicação		
18/02	• Atividade.		
19/02			
20/02			
21/02	• Domínio da atividade		
22/02	• Aplicação dos assuntos		
23/02	- Reino Visigo e a Deca-		
24/02	dência carolíngia		
25/02	• Exercício de fixação.		
26/02			
27/02	• Domínio do exercício de fi-		
28/02	xação		
29/02	• Estudo do cap. 2. O Sistema		
30/02	feudal.		
31/02	• Aplicação do assunto: Feudo		
01/03	liano.		
02/03	• Atividade.		
03/03			
04/03	• Domínio da atividade sobre		
05/03	feudalismo.		
06/03	• Aplicação do assunto: A		
07/03	potência feudal.		
08/03	• Atividade.		
09/03			
10/03			
11/03			
12/03			
13/03			
14/03			
15/03			
16/03			
17/03			
18/03			
19/03			
20/03			
21/03			
22/03			
23/03			
24/03			
25/03			
26/03			
27/03			
28/03			
29/03			
30/03			
31/03			
01/04	• Domínio da atividade		
02/04	• Aplicação do assunto: A		
03/04	economia agropastoril		
04/04	• Atividade.		
05/04			
06/04			
07/04			
08/04			
09/04			
10/04			
11/04			
12/04			
13/04			
14/04			
15/04			
16/04			
17/04			
18/04			
19/04			
20/04			
21/04			
22/04			
23/04			
24/04			
25/04			

Maria do Socorro Costa Aguiar

em 20/04/98

Paraná - Paraíba 20 aulas

3º BIMESTRE De: 22 / 02 a 26 / 09 19 98

MATÉRIA LECIONADA

2	Média Recuperação	Média Bimestral	RESUMO	
			Dias	Dias
			90	• Continuação do assunto no
			90	• Ve o cap. 5. O Absolutismo
			55	monárquico e a vida pri-
			50	vada.
			50	• Aplicação
			80	• Atividades
			25	
			80	
			65	• Continuação da expli-ca-
			40	ção sobre: Vida Privada
			20	• Atividades - Pesquisa
			35	• Introdução ao cap. 6 como
			60	assunto: O Papel da Europa
			100	e a conquista da América
			35	(cap. 6)
			60	
			60	• Continuação da atividade
			100	• Pesquisa
			25	
			60	• Retoma em dupla do assun-
			100	to acima citado
			40	• Atividade
			25	
			60	• Conclusão da atividade
			20	• Comentário
			85	
			20	
			65	• Aplicação do assunto: O Imp
			35	• Ve o mundo
			80	• Conclusão da atividade
			20	• Aplicação do assunto: Na
			40	relações portuguesas
			55	• Atividades
			55	
			60	• Aplicação do assunto: Concon-
			25	quência marítima
			45	• Atividade
			20	• Introdução ao assunto:
			60	O Impacto da Conquista (cap. 2)
			20	• Retoma Individual/ silêncio
			60	na
			25	
			51	• Aplicação dos assuntos:
			51	Conquista ou descobrimento e
				Verbedores: Os Europeus
				• Atividade
			12	• Conclusão da atividade no-
			12	ve, na civilização
				• Comentário

• Aplicação do assunto: Placid
 Os nativos americanos
 • Atividade do livro

• Conclusão da atividade
 • Introdução ao assunto: O
 Mercantilismo e a montagem
 do sistema colonial (cap. 8)
 • Retoma silenciosa individual
 • Atividade

• Continuação da atividade
 • Pesquisa

• Conclusão da atividade

• Conclusão da atividade

• Conclusão da atividade

• Conclusão da atividade

• Conclusão da atividade

• Conclusão da atividade

• Conclusão da atividade

• Conclusão da atividade

21 aulas

Maria do Socorro Costa Figueiredo

pm 26/09/1998

4º BIMESTRE De: 28 / 09 a 09 / 12 1998

MATÉRIA LEGIONADA

Média Recuperação Média Bimestral		Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
6,5	20	28/09	• Explicação do assunto: Mercantilismo e o Sistema Colonial Mercantilista.		
20	40	28/09	• Atividade.		
40	50				
50	20				
20	20	05/10	• Continuação da atividade.		
50	50	05/10	• Nomeação.		
20	20		• Explicação do assunto: O Colônias da América e a Independência do Brasil.		
50	50				
20	25	19/10	• Continuação do assunto: O Nascimento. (cap. 9)		
50	50		• Deitura.		
20	50		• Atividade e explicação do assunto: O Sim da Unidade Cristã.		
80	25	09/11	• Explicação dos assuntos:		
40	50	09/11	• Movimento Iluminismo, o movimento Calvinista e o Helonismo Anglicano e o Contra-Reforma.		
20	50		• Atividades das págs. 115 e 117.		
50	6,5	16/11	• Nomeação da atividade.		
20	20	16/11	• Continuação do assunto: Capitania Hereditária. (cap. 11)		
50	50		• Atividade.		
20	50		• Explicação.		
25	25	21/11	• Continuação da explicação do assunto: Capitania Hereditária.		
50	50				
50	50	23/11	• Atividade referente ao assunto Capitania Hereditária.		
170	30/11		• Continuação da continuação da atividade sobre: As Capitania Hereditárias.		
30/11	05/12		• Atividade de revisão dos assuntos estudados.		
05/12					

Maria do Socorro Popta Figueira

09/12/98

18 aulas.

MATÉRIA LECIONADA

Media Bimestral	DIAS	RESUMO	DIAS	RESUMO
5.5 6.5 7.5 7.5 1.0	17/02	Apresentação professor e alunos. Uma visão atual da História.	24/03	Navegações espanholas - Espanha - uma linha na concorrência marítima. Exercício
7.5 7.0 7.0 7.5 8.5	24/02	Introdução ao estudo da História. Teste de sondagem.	31/03	Concorrência marítima - a disputa pelo Novo Mundo. Exercício com mapa. Debate histórico
6.0 5.5 6.0 8.0 7.5	24/02	O Feudalismo: uma visão geral: características. Perquitas locais	23/04	O Mercantilismo e o sistema colonial - visão geral.
5.0 4.5 5.5 7.0 6.0	28/02	O Estado Moderno - a centralização do poder político e sociedades nacionais	07/04	Sistema Colonial: inquietações definem o esquema de exploração.
6.0 5.5 5.5 8.0 5.5	03/03	O absolutismo monárquico - todo o poder para o rei. Exercício	11/04	Portugal e Espanha exploram a América do Norte. Exercício
6.5 7.5 6.0 8.5 5.5	07/03	Texto complementar: Rei sol e luxo da corte de Versailles. Estudo dirigido.	14/04	Texto complementar: as colônias de exploração e desenvolvimento. Exercício
6.0 5.5 5.5 7.0 5.5	10/03	Críticas europeias no início do século moderno. Debate histórico sobre o tema.	17/04	Exercício de verificação de aprendizagem com teste e conteúdo do 1º bimestre.
7.0 6.5 6.0	14/03	A Expansão europeia e a conquista da América: noções gerais.		
	17/03	A expansão europeia: conquista de novas terras e novos mercados. Exercício		
	21/03	Navegações portuguesas - pioneirismo marítimo e conquistas de Portugal.		Aulas previstas - 17 Aulas dadas - 17
				Exercício

MATÉRIA LECIONADA

DIAS	RESUMO	DIAS	RESUMO
5.0 9.5 5.0 6.5 8.5	23/04 O Renascimento: a cultura na Idade Moderna - uma visão geral.	28/05	A Reforma de Lutero - a riqueza material pode ser um sinal da salvação eterna.
9.5 6.5 7.0 4.5 10.0	28/04 A mentalidade moderna: a economia burguesa influencia os novos valores culturais.	02/06	Exercício de pesquisa sobre o papel da religião na vida individual e na vida da comunidade.
5.5 6.0 8.0 9.0 7.0	30/04 A época dos grandes humanistas: a influência de Erasmo e Montaigne.	04/06	A Reforma Anglicana - o abuso do poder político e econômico do rei do Inglaterra.
5.5 6.5 4.0 7.0 4.0	05/05 Trabalho de pesquisa sobre o Renascimento na Itália.	09/06	A Contra-Reforma - a Igreja Católica reage ao ataque protestante.
5.5 5.0 5.5 6.5 7.5	07/05 Apresentação dos Equipes e destaque dos principais renascentistas.	11/06	Continuação da Contra-Reforma - Exercício de pesquisa.
8.5 8.5 8.5 10.0 6.5	12/05 O desenvolvimento da Idade Moderna - o espírito crítico é a característica principal dos novos humanistas.	16/06	A crise do antigo regime e a consolidação do capitalismo.
6.5 6.0 5.5 6.5 4.5	14/05 Exercício de verificação das aprendizagens.	18/06	A Revolução Inglesa: principais características.
7.0 6.0 6.0	19/05 A Reforma Protestante e a reação Católica - visão geral.	25/06	As etapas do processo revolucionário. Exercício
	24/05 Os ataques contra a Igreja - a quebra da unidade cristã.	30/06	Exercício de avaliação com todo o conteúdo do bimestre.
26/05	A Reforma de Martinho Lutero - o homem que não aceita o venda de indulgências.		Aulas previstas - 19 Aulas dadas - 19

MATÉRIA LECIONADA

DIAS	RESUMO	DIAS	RESUMO
5,5 8,0 6,0 6,5 9,0	O Iluminismo e os déspotas esclarecidos - a burguesia ascende os lugares de um novo tempo.	22/8	A era napoleônica e o congresso de Viena - uma visão geral.
8,5 7,5 6,0 5,0 9,5	Os grandes pensadores iluministas e a teoria econômica da burguesia. Exercício	25/8	O Congresso de Viena e a Santa Aliança. A reação conservadora dos governantes tradicionais.
6,0 5,5 8,0 9,0 7,0	Textos complementares: O Despotismo Esclarecido e a reforma do Estado português.	29/8	A Independência dos países da América Latina. A crise do sistema colonial.
5,0 7,5 5,0 5,0	A grande revolução socio-econômica - o capitalismo industrial.	03/9	A independência do Brasil e o processo da engenharia política dos liberais de poder.
5,0 5,5 7,5 7,0 7,5	O progresso capitalista e a exploração do trabalhador. Perguntas gerais.	05/9	Texto complementar: O que mudou com a independência. Exercício
9,5 8,5 8,0 9,5 5,0	A reação ideológica à Revolução Industrial. Exercício	12/9	As revoluções liberais do século XIX - visão geral.
7,5 6,0 6,0 8,0 4,5	Debates históricos - a situação atual dos trabalhadores do Brasil.	15/9	A França do século XIX de volta dos Bourbon no poder até o reinado de Louis Bonaparte.
6,0 5,0 7,0 5,0	A Revolução Francesa - a destruição do Antigo Regime e a ascensão da burguesia na França.	19/9	A unificação da Itália. Exercício
45/08	As principais etapas da Revolução Francesa. Exercício		
38/8	Estudo de um texto complementar: Os frutos das revoluções. A vitória da burguesia.		Filas previstas - 18 Filas dadas - 18

MATÉRIA LECIONADA

MESES BIMESTRAL	DIAS	RESUMO	DIAS	RESUMO
8,0 8,5 8,0 9,0	22/9	A guerra de sucessão - a expansão territorial dos Estados Unidos.	31/10	A Revolução Russa de 1917 - as principais etapas e a consolidação do poder soviético.
10,0 9,0 9,0 7,5	24/9	A guerra de sucessão e o desenvolvimento dos Estados Unidos no séc. XIX.	03/11	Debate sobre a Revolução Russa. Perguntas orais.
10,0 7,5 7,5 8,5 9,5 8,0	29/9	Exercício de piracção sobre o cap. anterior. Perguntas orais.	07/11	A crise do capitalismo e os regimes totalitários - a crise de superprodução.
8,0 8,0 8,0 8,0 8,0	03/10	A expansão do imperialismo - o capitalismo financeiro e monopolista.	10/11	O avanço dos regimes totalitários; as consequências sociais e políticas da crise capitalista.
8,0 7,5 7,5 8,5 9,0	06/10	Estudo de um texto complementar: A sobrevida dos mais ricos. Exercício.	14/11	A Segunda Guerra Mundial. visão geral.
9,5 9,5 8,0 9,0 9,0	10/10	O Neocolonialismo do século XIX. Discussão sobre o tema.	17/11	A guerra que matou 55 milhões de pessoas - as fases da Segunda Guerra Mundial.
9,5 8,0 9,0 8,5 8,5	13/10	A Primeira Guerra Mundial - visão geral. Exercício.	21/11	Texto complementar: O efeito da bomba atômica. Estudo dirigido.
9,0 8,5 9,0 7,0	17/10	A explosão do I Guerra Mundial - as principais fases da guerra.	24/11	Exercício de verificação da aprendizagem.
	20/10	Texto complementar: Os vencedores impõem suas condições. Exercício.		
	27/10	A Revolução Russa - o corrente marxista entra em cena na luta contra o czar.		Total de aulas - 18 Fóruns dados - 18

MATÉRIA LECIONADA

Média Bimestral	Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
7.0	13/02	Aumentação professor e aluno	23/3	As navegações portuguesas
7.0		Conteúdo a ser estudado na		pioneirismo marítimo e
7.0		série.		conquistas.
6.5				Comentário oral.
9.0		Interato		Interato
9.0	16/02	Uma visão geral da História	27/3	Localização no mapa das
6.5		Moderna e Contemporânea		navegações portuguesas.
7.5		deste de sondagem.		Exercício
7.0				
8.0		Interato		Interato
6.0	20/2	A transição do Feudalismo	30/3	As navegações Espanholas:
7.5		para o capitalismo.		Espanha entra na concor-
8.0		Características gerais.		rência marítima.
5.5				
6.0		Interato		Interato
7.5	27/2	Formação e desenvolvimento	03/4	Texto complementar: Con-
6.0		do Estado Moderno.		quista da América, exter-
7.5		Perguntas orais.		minio dos povos nativos.
7.0				Exercício
6.5		Interato		Interato
7.5	02/3	Texto complementar: O Abs-	06/4	A concorrência marítima -
6.0		olutismo monárquico.		e o tratado de Tordesillas e
7.5		Exercício		a Bula Inter Coetera.
1.5				
6.5		Interato		Interato
7.5	06/3	Características dos principais	13/04	Texto complementar: Grandes
6.0		Estados Absolutistas.		navegações e consequência
7.0		Perguntas orais.		econômicas.
7.0				
7.5		Interato		Interato
7.5	9/3	leitura informativa: Estidiano	17/04	Exercício de verificação da
7.5		europeu no início da Idade		aprendizagem - Navegações
7.5		Moderna.		marítimas europeias.
7.0				
7.0		Interato		Interato
5.0	13/3	Exercício de verificação	20/04	O Mercantilismo e o siste-
6.0		da aprendizagem.		ma colonial - a política
7.5		Comentário oral.		e econômica do Estado
				moderno.
		Interato		Interato
	16/3	Debate sobre as nave-	24/04	Sistema colonial - conquistas
		gações marítimas e		factores definem o esquema
		espaciais.		de exploração.
		Interato		Interato
	20/3	Expansão marítima - co-		
		mmercial; conquistas de no-		
		vos mercados.		
		Interato		Interato

MATÉRIA LECIONADA

Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
27/4 5 2 1 5	O Mercantilismo: caracterís- ticas gerais das colônias de exploração e povoamento <i>Interato</i>	05/06	# Reforma Protestante: a eti- ca protestante - salvação pela fé. Perguntas orais. <i>Interato</i>
04/5 2 2 1 1	Texto complementar <i>Interato</i>	08/6	# Reforma Calvinista: a sal- vação depende da escolha de "bens". <i>Interato</i>
08/5 0 2 2	Debate histórico: o domínio econômico dos países ricos sobre os mais pobres. <i>Interato</i>	12/6	# Reforma Anglicana: o rei torna-se chefe da Igreja in- glesa. <i>Interato</i>
14/5 1 2 2	Renascimento: a cultura na Idade Moderna. <i>Interato</i>	15/6	Exercício de zircão englo- bando todo o assunto. Lançada e comentário. <i>Interato</i>
16/5 1 1 1	Renascimento: características gerais. Uma produção urbana e de elite. <i>Interato</i>	19/6	Debate sobre as principais consequências do movimento reformista. <i>Interato</i>
18/5 1 1	Itália: berço do Renasci- mento. Principais artistas italianos. <i>Interato</i>	20/6	Contra-Reforma: a reação católica ao movimento protestante. <i>Interato</i>
22/5 1	# expansão do movimento Renascentista na Europa Occidental. <i>Interato</i>	25/6	# crise do Antigo Regime e a consolidação do Capita- lismo. <i>Interato</i>
25/5 1	O Renascimento científico: uma nova maneira de examinar e conhecer o mundo. <i>Interato</i>	26/6	# Revolução Inglesa: conpli- tos entre o rei e o parla- mento inglês. Perguntas orais. <i>Interato</i>
29/5 1	Exercício de Verificação de Aprendizagem - sobre o Renascimento. <i>Interato</i>	03/7	Consequências da Revolução: o significado da vitória das elites parlamentares. <i>Interato</i>
01/6 1	Introdução à Reforma Pro- testante: visão geral. <i>Interato</i>	04/7	Exercício de Verificação de Aprendizagem. <i>Interato</i>
	<i>Interato</i>		<i>Interato</i>

3º BIMESTRE De: 27 107 a / 1998

MATÉRIA LECIONADA

Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
27/7	Iluminismo e Despotismo es- clarecido - noções gerais.	28/8	Independência das 13 colônias Inglêses - visão geral.
31/7	O Antigo Regime: as sociedade- des da Idade Moderna.	31/8	Guerra pela Independência: nasce uma nação livre do domínio colonial. Exercício
03/8	Pensadores iluministas - tes- tas para a sociedade liberal.	04/9	Texto e reflexões: cidadania para poucos - os ideais que não se cumpriam Estudo dirigido
07/8	Estudo dirigido sobre o Iluminismo.	05/9	Exercício de verificação da apre- endizagem.
15/8	Debate histórico - relação de teoria iluminista comparado aos tempos atu- ais.	05/9	Revolução Francesa: origens do processo revolucionário na França.
14/8	Estudo de um texto comple- mentar: O grande relojoeiro - a nova imagem de Deus constituinte do universo.	11/9	Etapas de Revolução Francesa Exercício.
14/8	Introdução à Revolução Indus- trial e lutas proletárias.	12/9	Texto complementar: Assen- bléia dos Estados Gerais - O sui- cídio político da nobreza. Perguntas orais.
17/8	As etapas da Revolução Industrial. Exercício de desenvolvimento da reflexão.	14/9	Exercício de reflexão com o debate histórico: existe revolu- ção sem violência?
21/8	Texto complementar: Fábrica de doença: os riscos para a saúde do trabalhador. Exercício	18/9	Éra Napoleônica e Congresso de Viena - o domínio fran- cês de quase toda a Euró- pa.
25/8	Novas ideologias: o debate sobre a nova ordem e- conômica e social. Exercício.	21/9	A reação conservadora contra os ideais da Revolução Fran- cesa.

4º BIMESTRE De: 28 / 09 a 09 / 12 1998

MATÉRIA LECIONADA

Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
28/09	Crise do sistema colonial - a independência das colônias latino-americanas. <i>Exercício</i>	06/11	1ª guerra de independência: o conflito que decidiu os destinos da economia americana. <i>Exercício</i>
02/10	Independência das colônias espanholas. <i>Exercício</i>	07/11	O imperialismo americano - o político intervencionista. <i>Exercício</i>
05/10	Texto complementar: Independência restrita - o sonho frustrado da maioria do povo. <i>Exercício</i>	09/11	Exercício de Verificação da aprendizagem. <i>Exercício</i>
09/10	Exercício de pesquisa sobre o desenvolvimento dos Estados Unidos. <i>Exercício</i>	13/11	1ª Guerra Mundial: as tensões europeias no começo do século XX. <i>Exercício</i>
14/10	Apresentação e correção do exercício anterior. <i>Exercício</i>	16/11	1ª Guerra Mundial: principais países do conflito. <i>Exercício</i>
16/10	As revoluções liberais, nacionalismos e unificação - visão geral. <i>Exercício</i>	20/11	Texto complementar: Batalhas do alimento. <i>Exercício</i>
19/10	1ª revolução contra o conservadorismo. <i>Exercício</i>	23/11	1ª Revolução Russa - uma visão geral. <i>Exercício</i>
23/10	O governo provisório e a derrota dos socialistas. <i>Exercício</i>	27/11	Texto complementar: Triunfo da Revolução - os dez dias que abalaram o mundo. <i>Exercício</i>
26/10	1ª unificação alemã - surge uma nova potência econômica. <i>Exercício</i>	30/11	1ª crise do capitalismo e os regimes totalitários. <i>Exercício</i>
31/10	O desenvolvimento dos Estados Unidos. <i>Exercício</i>	04/12	1ª crise do capitalismo e os regimes totalitários. <i>Exercício</i>
		07/12	Exercício de Verificação da aprendizagem. <i>Exercício</i>

1º BIMESTRE De: 08 / 02 a 16 / 04 1999

MATERIA LECIONADA

Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
5/2	Uma visão geral do ensino de História e seus objetivos.	18/3	Navegações espanholas: Espanha entra na concorrência marítima.
11/2	Retrospectiva da História Antiga e Medieval. Pesquisas orais.	18/3	Texto complementar: Conquista da América - extermínio dos povos nativos.
19/2	Estado Moderno: Formações e desenvolvimento - visão geral.	25/3	Concorrência marítima: Tratado de Tordesilhas. Exercício
19/2	Feudalismo e Capitalismo: uma primeira noção. Exercício	27/3	Mercantilismo: A política econômica do Estado moderno.
25/2	Comércio e ascensão da burguesia - como nasceu o Estado Moderno. Pesquisas orais.	27/3	Sistema Colonial: conquistas, domínios, definições e esquizofrenia de exploração. Exercício
25/2	O absolutismo monárquico: todo o poder para o rei.	08/4	O Renascimento: uma maneira moderna de ver o mundo. Visão geral.
02/3	Texto complementar: Rei Sol: o luxo da corte de Versalhes. Estudo dirigido.	08/4	Renascimento artístico: Valorização da natureza e do homem. Exercício
04/3	Exercício de Verificação de Aprendizagem.	15/4	Os principais artistas do Renascimento italiano. Pesquisas orais.
11/3	Expansão marítima - comércio - visão geral.	15/4	O Renascimento: expansão pela Europa. Exercício
14/3	As navegações portuguesas: causas e consequências. Exercício	25/3	Os países registados: Correção de Exercício e comentário oral.

MATÉRIA LECIONADA

Medida Bimestral

Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
22/4	O Renascimento científico: uma nova maneira de examinar e entender o mundo.	27/5	Cent. da Revolução Inglesa - o processo revolucionário.
	Exercício		Exercício
22/4	Exercício de pesquisa sobre o Renascimento científico.	27/5	Texto complementar: A grande viagem: uma forma de educar os jovens ricos.
	Exercício		Exercício
29/4	A Reforma Protestante - uma visão geral.	30/06	Consequências da revolução: o significado das elites parlamentares. Exercício
	Exercício		Exercício
29/4	As causas e os fatores que impulsionaram a Reforma Protestante.	30/06	O Iluminismo: crítica ao antigo Regime.
	Exercício		Exercício
06/5	A Reforma Católica: o movimento iniciado pela P.	32/6	Pensadores iluministas: os filósofos, juristas e economistas formulam novas ideias.
	Exercício		Exercício
06/5	Exercício sobre a Reforma Católica.	32/6	O despotismo esclarecido: as reformas na ocupação do antigo Regime inspiradas no Iluminismo.
	Exercício		Exercício
12/5	A Reforma Católica e a Anglicana.	37/6	Exercício de pesquisa: Revolução Inglesa e Iluminismo.
	Exercício		Exercício
13/5	Exercício de verificação da compreensão.	37/6	A Revolução Industrial - uma visão geral.
	Exercício		Exercício
20/5	A crise do antigo Regime e a consolidação do capitalismo.	26/6	O processo de industrialização: grandes transformações socioeconômicas. Exercício
	Exercício		Exercício
20/5	A Revolução Inglesa - origem da revolução.	26/6	Etapas da Revolução Industrial. Perguntas gerais.
	Exercício		Exercício

3º BIMESTRE De: 19 / 07 a 22 / 09 1999

MATÉRIA LECIONADA

Mês		RESUMO	Mês		RESUMO
Dias			Dias		
60	22/07	Independência das 13 colônias inglesas: conflito colônia-metrópole.	24/8		Exercício de verificação do apredizagem.
75					
35	35				
35	35				
50	50	Texto complementar: Cidadania para poucos. Estudo dirigido.	24/8		laize do sistema colonial: independência das colônias latino-americanas.
- 70					
55	55				
- 85					
50	50				
35	35	Revolução Francesa: crise do Antigo Regime.	26/8		O avesso do capitalismo industrial. Exercício
85					
- 75					
- 95					
- 86					
- 85	29/7	Revolução Francesa: situação social, política e econômica. Perguntas orais.	26/8		Independência das colônias espanholas - fatores que contribuíram para a independência.
90	90				
60	60				
55	55				
- 85	05/8	Revolução Francesa - processo revolucionário - etapas da Revolução.	02/9		Independência do Brasil: tentativas de recolonização.
30	30				
- 85					
40	40				
50	50				
55	55	Revolução Francesa - exercício de leitura.	02/9		Independência do Brasil - o processo de independência. Exercício.
- 60					
- 80					
75	12/8	Guerra Napoleônica: domínio francês de quase toda a Europa.	09/9		Revoluções liberais nacionalismo e unificação - visão global.
545					
- 95					
- 80					
60	60				
	12/8	Guerra Napoleônica: coroação e formação de uma nova corte.	09/9		# unificação italiana: a conquista da unidade política.
	19/8	Invenção de Portugal - família real foge para o Brasil.	16/9		# unificação alemã: surge dessa nova potência europeia.
	19/8	Congresso de Viena: a reação conservadora contra as ideias da Rev. Francesa.	16/9		Exercício de verificação do apredizagem.

Interato

Interato

MATÉRIA LECIONADA

Mês Bimestral		Mês Bimestral	
Dias	RESUMO	Dias	RESUMO
70 70 - 80 50	Textos complementares: Adminis- tração do trabalho - a uni- ões europeias no século XIX. Estudo dirigido.	04/11	A ascensão dos Estados Unidos texto complementar. Perguntas orais.
545 65 060 85 545	Desenvolvimento dos Estados Unidos - a conquista do oeste.	04/11	Exercício de pesquisa sobre os principais inventos e desen- volvimento artístico do século XX.
50 2 5 80 75	Guerra de Secession - o con- flito que decidiu os desti- nos da economia ame- ricana. Exercício	11/11	Apresentação de pesquisa e debate sobre desenvolvimento artístico - cultural do século XX.
95 75 15 55 0	O imperialismo americano - a política intervencionis- ta dos Estados Unidos.	18/11	A Revolução Russa - o mar- xismo entre em cena.
10 0 0 0	O nascimento capitalista - a influência da Segunda Revolução Industrial.	18/11	Estapas da Revolução Russa - e a consolidação do poder soviético.
5 - 70 85 65	Neocolonialismo - a so- lução imperialista para a crise do capitalismo. Exercício	18/11	Crise do capitalismo e Regi- ões Totalitárias - crise de 1929.
55 55 0 15 70	Dominância da África e da Ásia - repartição dos con- tinentes entre as potên- cias capitalistas.	27/11	As consequências da crise capitalista. Exercício
28/10	A Primeira Guerra Mundi- al - as tensões europeias no começo do século XX. Conferên- cia de Versalhes.	28/11	1ª Segunda Guerra Mundial os principais acontecimentos que levaram a eclosão do conflito.
28/10	A Primeira Guerra Mundial a marcha das guerras e principais países do conflito	29/11	2ª Segunda Guerra Mundial a bomba atômica e a resolu- ção de Japão.
28/10	O fim da guerra e as consequências. Exercício	29/11	As consequências da Segunda Guerra Mundial. Exercício
		02/12	Exercício de Verificação da aprendizagem.
		03/12	Exercício de Verificação da aprendizagem.